CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

PLACAR nasceu junto com a fase mais gloriosa da história colorada. Os repórteres da revista em Porto Alegre, sobreduto Divino Fonseca e Emanuel Mattos, tiveram a honra de cobrir momentos como o octacampeonato gaúcho, os três títulos brasileiros, a consagração de Paulo Roberto Falcão (que anos mais tarde se tornaria colunista em nossas páginas). Esta edição contém 23 reportagens originais da revista que retratam os grandes momentos vividos pelo clube, do título estadual de 1970 ao de 1997, passando por instantes curiosos como a goleada de 14 x 0 em cima do Ferro Carril, a maior da história do clube, a despedida de Falcão na final da Libertadores de 1980 e a sofrida conquista da Copa do Brasil de 1992, no Beira Rio. Tudo para emocionar o mais durão torcedor do Inter.

P.S.: A camisa do Internacional que ilustra a capa desta edição nos foi cedida por cortesia do colecionador paulista João Trinca. Ela foi vestida por Valdomiro no jogo São Paulo 0 x 1 Internacional, em 17 de julho de 1974.

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE

SUMÁRIO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor de Publicidade: Paulo Cesar Araújo
Vice-Presidente de Negócios: Giancarlo Civita

Diretor de Núcleo: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho **Diretor de Arte:** Fábio Bosquê Ruy **Redator-Chefe:** André Fontenelle **Editor de Fotografia:** Ricardo Corrêa Ayres **Editores Especiais:** André Rizek, Arnaldo Ribeiro e Fabio Volpe **Repórteres:** Eduardo Cordeiro, Léo Romano e Rodrigo Garofalo **Subeditor de Fotografia:** Alexandre Battibugli **Fotógrafo:** Eduardo Monteiro (RJ) **Diagramadores:** André Koguti e Crystian Cruz **Atendimento ao Leitor:** Silvana Ribeiro **Colaboraram:** Leonardo Fuhrmann, Marcelo Monteiro, Renata Chiurciu, Rita Palon

APOIO EDITORIAL: Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** José Carlos Augusto **Nova York:** Grace de Souza **Paris:** Pedro de Souza **Rio de Janeiro:** Débora Chaves

Diretor Comercial: Alexandre Caldini

MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretor: Ricardo Packness de Almeida **Gerente de Produto:** Euvaldo Junior **Assistente de Produto:** Erica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: Diretores: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo do Amaral **Gerentes:** Cristiane Tassoulas, Ricardo Luttgardes (RJ) **Executivas de Negócios:** Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia **Executivos de Contas:** Emiliano Hansenn, Henri Marques (RJ), Renata Miolli
PROCESSOS: Gerente de Produção: Andrea Giovanni Spelta **Coordenadores de Publicidade:** Irla Ferneda, Renato Rosante **Coordenador de Produção:** Ricardo Carvalho
PLANEJAMENTO E CONTROLE: Gerente: Auro Iasi **Consultora Financeira:** Lourdes Oliveira

Gerente Escritório Brasília: Angela Rehem de Azevedo **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor Escritório Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Representante em Portugal:** Manuel José Teixeira **Diretor de Publicidade - Classificados:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos
Diretor de Vendas: William Pereira

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.

ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: Belo Horizonte: av. do Contorno, 5919, 9º and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel.: (31) 282-0630, fax: (31) 282-8003 **Blumenau:** r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, telefax: (47) 329-6191 **Brasília:** SCN - Q.1 bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º and., sl. 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7575, fax: (61) 315-7558 **Campinas:** r. Conceição, 233, 26º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba:** av. Cândido de Abreu, 651, 12º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426, fax: (41) 252-7110 **Florianópolis:** r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl. 107, Com. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel.: (48) 232-1617, telefax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** av. Desembargador Moreira, 2020, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Com. Ltda., telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** r. 10, 250, lj. 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda., tel.: (62) 215-3274, telefax: (62) 215-5158 **Joinville:** r. Dona Francisca, 260, cj. 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Proj. Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax: (47) 433-2725 **Londrina:** r. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Com., telefax: (43) 325-9649 **Porto Alegre:** r. dos Andradas, 1001, sl. 902, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3211-6744, fax: (51) 3211-6908 **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 15º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax: (81) 424-3210 **Ribeirão Preto:** r. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 635-9630, fax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro:** Praia de Botafogo, 501, 1º and., bl. B, Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel.: (21) 2546-8100, fax: (21) 2546-8201 **Salvador:** av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax: (71) 341-4992/4996 **Vitória:** av. Rio Branco, 304, 2º and., cj. 44, Sta. Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax: (27) 325-3329

ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR: Nova York: 104 West 27th Street, 11th floor, New York, N.Y. 10001, tel.: (1-212) 924-0001, fax: (1-212) 929-5157, e-mail: abril@walrus.com **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, fax: (00331) 42.66.13.99, e-mail: abril-paris@wanadoo.fr **Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

EDITORA ABRIL: Interesse Geral: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Edições Regionais, Veja na Sala de Aula, Superinteressante, Web **Negócios:** Exame, Brasil em Exame, Melhores & Maiores, Você S.A., Info Exame **Femininas:** Claudia, Claudia Cozinha, Elle, Nova, Nova Beleza, Capricho, Manequim, Ponto Cruz, Faça e Venda, Boa Forma, Viva Mais!, Anamaria, Contigo, Minha Novela, Horóscopo **Masculinas:** Playboy, Placar, Quatro Rodas, Vip **Turismo e Aventura:** Viagem e Turismo, National Geographic **Guias:** Brasil, Rodoviário, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Estradas, Praias, Mapas das Capitais, Rio-Santos, Atlas Rodoviário **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Saúde!, Bons Fluidos **Infanto-Juvenis:** Ação Games, Recreio, Digimon, Disney, Super-heróis, revistas e livros de atividades **Abril Multimídia:** Livros Ilustrados, CDs, Fascículos e Vídeos em Séries **Anuários:** Almanaque Abril, CD-ROM do Almanaque Abril, Guia Abril do Estudante
Editora Caras, Editora Símbolo, Abril Controljornal/Edipresse, em Portugal, Editorial Primavera, na Argentina
Internet: Idealyze, Abril.com, UOL, Usina do Som, @jato **Entretenimento:** MTV Brasil, Abril Music, Abril Eventos, Abril Produções **TVA:** TVA Rio, TVA Sul Paraná, TV Filme Goiânia, TV Filme Brasília, TV Filme Belém **Datalistas:** O maior e mais completo banco de dados do país **Educação:** Editora Ática, Editora Scipione **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR 1204-H (ISSN 0104-1762), ano 32, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **Edições anteriores:** solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br. O preço será o da última edição em banca, acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade no estoque). Distribuída em todo país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IVC | IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. | ANER

www.abril.com.br

Presidente e CEO: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidentes: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

O SEGUNDO TÍTULO consecutivo mostrou aos colorados que eles também podiam aspirar a uma longa série de títulos, como o Grêmio fizera de 1962 a 1968. Com a ajuda de novos talentos, como um certo Paulo César, que ainda não era chamado de Carpegiani

O INTER ACABOU COM O GRÊMIO: AGORA É BI

Bráulio fez um gol, Valdomiro o segundo e, com eles, o Internacional venceu o 14 de Julho por 2 x 0. Ali acabavam os sofrimentos dos colorados, que durante sete anos se desesperavam vendo apenas os gremistas em festa

» POR DIVINO FONSECA

Acabou o jogo contra o 14 de Julho: o ponta-esquerda reserva do Inter, Canhoto, sai correndo, entra em seu carro e sobe o morro Santa Teresa, próximo ao Beira Rio, de onde se avista toda a cidade. Ali ele fica esperando pelos outros jogadores, com 50 garrafas de caipirinha, 300 litros de chope e 100 quilos de churrasco. Era uma festa organizada pelos próprios jogadores, na casa de Canhoto.

Mas não adiantou muito a correria de Canhoto: ele esperou duas horas até que seus companheiros saíssem dos braços da torcida do Internacional, que invadiu os vestiários com batucadas, samba e muita alegria.

Depois que os jogadores saíram para a casa de Canhoto, a alegria dos colorados espalhou-se pela cidade, invadindo os botequins, acordando Porto Alegre inteira, atirando sobre os gremistas toda a amargura que eles carregaram durante sete anos seguidos, até 1968.

Na festa dos jogadores, onde os convidados eram os diretores, o diretor Ivo Correia Pires mal acreditava naquela união:

— Isso é amadorismo. Gente que luta pela camisa.

Para ser bicampeão e consolidar sua fama de mais forte, o Internacional usou praticamente os mesmos jogadores do ano passado. Os dois novos que entraram no time são ex-juvenis: o ponta Mosquito (jogou algumas partidas, depois machucou a clavícula) e o apoiador Paulo César (que foi lançado justamente para dar um ritmo mais veloz ao time, que não tinha Scala nem Sadi, ambos machucados).

— O nosso esquema? O da amizade entre jogadores, técnicos e dirigentes acima de tudo. Dentro de campo é o mesmo utilizado por Zagallo na Seleção, com o recuo de um ponteiro para trabalhar na armação. Tovar, Dorinho e Carbone são os encarregados desse trabalho.

O Inter jogou assim no começo do campeonato, mas, nos últimos jogos, Daltro Meneses tirou Tovar e lançou Paulo César. Durante todo o campeonato, o técnico sentiu a falta de um jogador que organizasse o time dentro de campo, como Gérson no São Paulo ou Roberto Pinto na Ponte Preta.

Quando as coisas corriam mal, o time só reagia depois de ouvir Daltro Meneses. Por isso decidiu a maioria de seus jogos no segundo tempo, quase sempre por 1 x 0.

— Claro que eu gostaria de ter tal jogador. Mas o que eu poderia fazer se meu líder estava no gol? Fizemos até teste de QI para escolher o capitão. Gainete ganhou e eu estou muito contente.

Gainete satisfaz a Daltro porque sai até da área para gritar com os companheiros. Fora de campo é quem decide tudo, desde a compra de um apartamento até as reivindicações.

— E nós não fizemos mais que ser amigos de cada jogador. Um exemplo: quando terminou seu contrato, Sérgio pediu 35 mil cruzeiros de luvas. Nós respondemos que não aceitávamos sua proposta, que lhe daríamos 40 mil cruzeiros (Ibesn Pinheiro, assessor do Departamento de Futebol do Internacional).

A diretoria impediu que as reclamações dos conselheiros e torcedores perturbassem a campanha do time. Entre 1960 e 1968, o Inter teve 15 técnicos. Daltro acaba de completar dois anos de clube, um recorde.

"FIZEMOS ATÉ TESTE DE QI PARA ESCOLHER O CAPITÃO. GAINETE GANHOU E EU ESTOU MUITO CONTENTE"
(DALTRO MENESES, TÉCNICO DO INTER)"

1/10/70 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)
INTER 2 X 0 14 DE JULHO
J: José Cavalheiro de Morais; **R:** Cr$ 111 187,50; **G:** Bráulio 26 e Valdomiro 41 do 2º
INTERNACIONAL: Gainete, Édson Madureira, Pontes, Valmir Louruz (Jorge Andrade) e Sadi; Tovar (Didi Pedalada) e Carbone; Valdomiro, Bráulio, Claudiomiro e Dorinho. **T:** Daltro Meneses
14 DE JULHO: Volnei, Machado, Tomé, Noé e Vacaria (Gringo); Getúlio e Didi; Antoninho, Santarém, Vadi e Mauro. **T:** Gitinha

Claudiomiro: goleador da maior fase da história colorada

O TERCEIRO TÍTULO DA SÉRIE DE OITO foi mais uma vez conquistado no interior, numa vitória sobre o Esportivo, enquanto o Grêmio perdia para o Flamengo em Caxias do Sul

FOI UMA FESTA EM PORTO ALEGRE

Afinal os gaúchos sabem qual é o campeão. O Inter foi melhor do que o Grêmio onde tudo se decide: no interior. Nem o tapetão dá esperanças aos gremistas: perderam a última batalha

» **POR DIVINO FONSECA**

Na quarta-feira da semana passada, quando todos estavam interessados no resultado do jogo entre Corinthians e Atlético (líderes do Nacional), Grêmio e Internacional jogavam em cidades diferentes do interior gaúcho em disputa do título de campeão estadual. O Inter venceu – é o tricampeão. O Grêmio perdeu – ficou a três pontos do adversário, sem condições até de disputar o título do tapetão, como pretendia.

Em Bento Gonçalves o Inter lutou como um desesperado contra o Esportivo. Ganhou. Cerca de 35 quilômetros distante, em Caxias, o Grêmio era um time frio, calculista, cheio de melindres diante do Flamengo. Perdeu. Agora não tem mais o caso de Land – mesmo perdendo os pontos para o Barroso-São José, o Inter fica à frente do Grêmio.

Em Bento Gonçalves, em meio a brigas, samba e lágrimas, enquanto os jogadores desfilavam nos ombros da torcida colorada, Flávio Obino ganhava um novo sobrenome: "Otrino" – referência ao tri conquistado.

Brigas? Briga, não. Bronca. Tudo por conta de Claudiomiro, que negou sua camisa à torcida que tanto o vaiou:

– Sou mascarado mesmo.

Os 75 ônibus que subiram a serra só regressaram a Porto Alegre na madrugada de quinta-feira, apenas para engrossar o carnaval, que durou até o dia surgir.

Dino Sani, tranqüilo, dizia:

– Futebol é futebol.

O Inter tratou dos mínimos detalhes para garantir o título: os jogadores do Flamengo receberam uma gratificação especial pela vitória sobre o Grêmio: 30 mil cruzeiros – oferecida pelo Inter.

Mas o Grêmio não ficou atrás: havia oferecido 100 mil cruzeiros aos jogadores do Esportivo por uma vitória sobre o Inter. Sabidos os resultados, a torcida fazia uma pergunta: será que o Grêmio pagaria, mesmo derrotado em Caxias?

No meio da alegria geral, o mais alegre era Benê, que acabava de conquistar seu primeiro título de campeão.

– Também, eu só joguei no Corinthians.

"OS JOGADORES DO FLAMENGO RECEBERAM UMA GRATIFICAÇÃO ESPECIAL PELA VITÓRIA SOBRE O GRÊMIO: 30 MIL CRUZEIROS"

22/9/71 MONTANHA (BENTO GONÇALVES)
ESPORTIVO 0 X 2 INTERNACIONAL
J: Agomar Martins; **R:** Cr$ 33 000; **G:** Valdomiro 46 do 1º; Sérgio 30 do 2º
ESPORTIVO: Edgar; Adair, Jauri, José e Marcos; Paulo Araújo, Rui e Neca (Valdecir); Gonha, Marioti e Dércio. **T:** Ênio Andrade
INTERNACIONAL: Gainete; Édson Madureira, Pontes, Hermínio e Jorge Andrade; Carbone e Paulo César; Valdomiro, Sérgio, Claudiomiro e Benê (Tovar, depois Bráulio). **T:** Dino Sani

Pontes afasta o perigo: o Inter não brincava em serviço

MAIS UMA VEZ O INTER foi campeão por antecipação. Na última rodada, enfrentou o Grêmio, que tentou pôr água no chope. Mas deu Figueroa, 1 x 0

O INTERNACIONAL TETRACAMPEÃO

Derrotando o Esportivo em casa, os colorados saíram do Beira Rio para um carnaval vermelho em Porto Alegre

>> POR DIVINO FONSECA

Ao Grêmio, agora, só resta um consolo: vencer o Inter no próximo domingo. Tudo o mais está com seu grande rival: o título, o ataque mais positivo, a melhor defesa, os artilheiros e até as melhores rendas. De qualquer maneira, uma vitória pode servir para esfriar a gozação colorada.

— Vamos lá, pessoal (Dino)!

Se depender do técnico, o Inter, vai vencer para que sua festa seja completa. Tudo porque a conquista do título parece ter pegado os colorados meio de surpresa. Na noite de domingo, os torcedores faziam apelos através das rádios (que descreviam seu fraco carnaval) para que as escolas de samba da cidade procurassem o centro, fizessem o cabrito gemer — chorando a derrota do Grêmio.

Tiveram que se contentar com uns poucos músicos.

(Há tempos as charangas abandonaram o Beira Rio. Dirigentes e jogadores acham que elas dão azar).

Carnaval foi mesmo dentro do Beira Rio. Improvisando pontes sobre o fosso, logo que ouviram o apito final os torcedores mais povo do Inter atropelaram guardas, invadiram o gramado e foram abraçar seus ídolos. Foi aquela loucura quando o juiz levantou o braço.

— O tetracampeonato é o resultado da qualidade, da maneira de jogar e, principalmente, da união dos jogadores.

A torcida talvez tenha entendido da mesma forma que Dino Sani. Por isso fez questão de levar as camisas dos jogadores, abraça-los, festejá-los como verdadeiros deuses.

A frase do técnico, referindo-se ao jogo com o Grêmio, cabe como uma luva na reação dos dirigentes colorados, que, se tiveram alguns prejuízos com a comemoração, estavam preparados par ela, funcionários vendiam bandeirolas e faixas para os torcedores.

(Fazia frio. Mas muitos acenavam loucamente seus suéteres e camisas vermelhos.)

Foi o jogo começar para que todos tivessem a impressão de que o tetra pintava fácil. O Esportivo era o mesmo time de futebol bonito de sempre, obrigado pelas circunstâncias a jogar grosso e fechado — o que fazia a contragosto. Só que o Inter estava disposto a decidir dentro de seu campo um título que julgava todo seu. E amassou o Esportivo.

— Tudo é simples no futebol. Nos treinos, corrijo aqui, acerto ali, sempre na hora certa para não encher ninguém.

O Inter era bem um time à imagem de seu técnico. A bola saía de Tovar para os lados do campo, movimentando toda a equipe. O Esportivo abria claros quando tentava (uma força incontrolável) voltar ao seu velho estilo, bem aproveitados pelos jogadores colorados.

O goleiro Gasperin salvara gols certos. Bráulio e Tovar carimbaram a trave. A torcida começou a sofrer. Foi quando Claudiomiro acertou aquela canhota. Foi ao fundo das redes, apanhou a bola e chutou-a para a torcida.

O Inter já era tetra.

— Quando fui contratado, havia um time pronto. Para que mexer?

Nem o perigoso domínio do Esportivo na primeira metade do segundo tempo assustou a torcida colorada: todos sabiam que aquele time se encontrara com seu destino. Para segurar a vitória, Dino substituiu Bráulio por Carbane. Para não tirar a força do ataque, colocou Escurinho no lugar de Volmir, que saiu aplaudido.

O Esportivo continuou tentando acender as esperanças do Grêmio, mas o dedo de Dino funcionou: Escurinho foi lá e fez o segundo gol.

> "NA NOITE DE DOMINGO, OS TORCEDORES FAZIAM APELOS ATRAVÉS DAS RÁDIOS PARA QUE AS ESCOLAS DE SAMBA DA CIDADE PROCURASSEM O CENTRO, FIZESSEM O CABRITO GEMER — CHORANDO A DERROTA DO GRÊMIO"

22/9/72 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)

INTERNACIONAL 2 X O ESPORTIVO

J: José Luís Barreto; **R:** Cr$ 188 492;
G: Claudiomiro 25 do 1º; Escurinho 29 do 2º

INTERNACIONAL: Schneider, Cláudio Duarte, Figueroa, Pontes e Jorge Andrade; Tovar e Paulo César Carpegiani; Valdomiro, Bráulio (Carbone), Claudiomiro e Volmir (Escurinho). **T:** Dino Sani

ESPORTIVO: Gasperin, Carlos Miguel, José, Ademir e Adair; Paulo Araújo e Neca; Rui, Gonha (Ademir Galo), Laírton e Toneco. **T:** Ênio Andrade

Escurinho marca o segundo gol: taça assegurada

Tovar tromba com Gasperin: o Inter no caminho do título

E FALCÃO AINDA nem era titular do Inter. O quinto título estadual veio em cima de outro clube pequeno, o Gaúcho. Por onde andaria o Grêmio esses anos todos?

INTER, O PENTACARNAVAL

Desde 1969 não houve decisão tão emocionante. E não levava jeito de ser assim, até por um natural fastio de títulos

>> POR DIVINO FONSECA

De sunga, sem se importar com o fato de os torcedores terem lhe tirado o uniforme, Jorge Andrade esquecia sua habitual discrição e gritava em meio à confusão geral:

— É isso aí, macacada. É assim que eu gosto de ganhar campeonato, sofrendo.

E a torcida invadia os vestiários, ia até as banheiras térmicas buscar seus ídolos para animar o carnaval. No campo, outros grupos de torcedores se encarregavam de arrancar o que restava de souvenir: as redes. E, do Beira Rio, o carnaval se seguiu pelas ruas da cidade até o centro, onde a festa entrou pela madrugada adentro. Nunca faltando o coro:

— Penta! Penta!

Depois da primeira decisão desta série de títulos, em 1969, quando o Internacional foi campeão vencendo o jogo final contra o Grêmio, não teve outra tão emocionante como a do jogo de domingo. E não levava jeito de ser assim. Primeiro, devido a um até certo ponto natural fastio de títulos, quase todos conseguidos por antecipação e em jogos com pequenos. Além disso, o Gaúcho durante toda a semana foi um saco de gatos, com diretores e jogadores se acusando de suborno. Mas quem não foi ao estádio perdeu a oportunidade de saborear uma verdadeira conquista de título.

O gol não saía. O Internacional insistia nas bolas altas sobre a área, para aproveitar as boas alturas de seus pontas-de-lança. Passavam três minutos além do tempo quando Valdomiro centrou, Escurinho cabeceou e Djair, também de cabeça, fez o gol do penta.

"O GAÚCHO DURANTE TODA A SEMANA FOI UM SACO DE GATOS, COM DIRETORES E JOGADORES SE ACUSANDO DE SUBORNO"

29/7/73 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)
INTERNACIONAL 1 X 0 GAÚCHO
J: Agomar Martins; **R:** Cr$ 202 750,00;
G: Djair 48 do 2º
INTERNACIONAL: Schneider, Cláudio, Figueroa, Pontes e Jorge Andrade; Tovar e Djair; Valdomiro, Paulo César, Claudiomiro e Volmir (Escurinho). **T:** Dino Sani
GAÚCHO: Carlos Alberto, Gringo, João Pontes, Daison Pontes e Luís Carlos; Raul e Getúlio; Leivinha, Zé Augusto (Raul Santos), Bebeto e Serginho.

Claudiomiro passa por Celmar, do Inter de Santa Maria

Paulo César na decisão: um de seus melhores campeonatos

UM DOS ESTADUAIS MAIS COMEMORADOS pela torcida colorada. O motivo: igualava o feito do Rolo Compressor entre 1940 e 1945 e, ainda por cima, com vitória em todos os jogos

O HEXA FOI FÁCIL

O time tinha consciência de sua superioridade, mas não lhe faltava a noção de que uma final é um fato isolado — e estava preparado para ganhá-la

>> POR DIVINO FONSECA

Os colorados já não precisam olhar para o passado. O famoso Rolo Compressor, hexacampeão de 1940 a 1945, que por quase 30 anos foi cantado em prosa e verso como melhor time colorado de todos os tempos, desde domingo entrou de vez para a poeira da história. Até mesmo o título de 1936, conquistado sem um único ponto perdido, também pode ser esquecido. O título conquistado na tarde chuvosa de domingo, com a vitória de 1 x 0 sobre o Grêmio, foi o mais brilhante de todos os tempos: em 1936, o Inter disputou 24 pontos; agora disputou 36 e ganhou todos. Não bastasse a façanha tão incrível, marcou 43 gols e sofreu apenas dois. Em nenhum momento do campeonato teve algum adversário a sua frente — foi campeão de ponta a ponta. Fácil. Absoluto.

O jogo mostrou que o Inter precisaria de muita gana — e até uma dose de violência — para chegar à vitória. Foi a única maneira de manter o 0 x 0 no primeiro tempo. O esquema de Sérgio Moacir dava certo. Iúra saía da ponta direita para receber a bola nas costas de Falcão, que se confundia; e também Vacaria, que não sabia a quem marcar. Para complicar ainda mais, Tarciso caía para o lado do lateral Cláudio, que passou a semana se recuperando do tornozelo.

Baratinado, Falcão cometeu cinco faltas nos primeiros dez minutos. E o Inter perigou: aos 17, Carlos Alberto entrou livre, chutou, Manga soltou no bolo; aos 29, Iúra e Carlos Alberto tabelaram até quase o gol; aos 40, Manga fez o impossível num chute de Luís Carlos.

O Inter tinha muitos problemas: no meio-campo, Paulo César não passava de um obscuro marcador; na frente, entre Ancheta e Fuscão, Sérgio Lima era incapaz de prender a bola até a chegada dos companheiros. Por isso, todo o trabalho de Picasso foi defender um chute de longe de Lula.

Muita coisa aconteceu no intervalo: Falcão e Vacaria acertaram a marcação sobre Iúra e Carlos Alberto; Paulo César passou a pensar um pouco mais no apoio. Mas nem isso impediu que, aos 13 minutos, Luís Carlos carimbasse a trave de Manga. Era um aviso.

E foi bem ouvido por Paulo César. Ele deve ter pensado: craque tem que ser marcado e não apenas marcar. Foi para a frente com tudo. Aos 20 minutos, a reviravolta final: gordo, mas experiente, Claudiomiro entrou no lugar de Sérgio Lima. Passou a prender a bola, a orientar os companheiros, a fazer grandes passes para Valdomiro e Lula, desorientando os adversários.

Aos 25 minutos, o resultado: depois de uma rápida confusão, a bola sobrou na frente do gol. Ancheta subiu mais que todos, mas cabeceou torto, nos pés de Valdomiro. A bomba de Valdomiro saiu inapelável e fez explodir a massa colorada.

Foi a vez de o técnico Sérgio Moacir tratar de mexer as suas pedras, confiando mais em suas táticas do que no talento de um jogador. Por isso preferiu tirar Iúra, seu mais talentoso atacante, para a entrada de Dionísio, na esperança de chegar ao empate com a ilusão — tática, não — do chuveirinho. Sérgio poderia passar Iúra para o meio-campo, mas preferiu manter Carlos Alberto, que foi completamente envolvido pelos dribles de Paulo César.

Sem ligar para a chuva, a torcida pedia olé. E o Inter ia chegando à área, devagar, tocando a bola. O gol pintava: aos 31, Valdomiro cobrou uma falta na trave, logo depois era Escurinho quem obrigava Picasso a excelente defesa; Lula ainda perdeu o seu.

Quem ordenou o começo do carnaval foi Agomar Martins (boa atuação), com o apito final. Aí aconteceram as cenas que já se repetem há seis anos: invasão de campo, a guerra por camisetas, calções, etc. A incrível alegria colorada.

SEM LIGAR PARA A CHUVA, A TORCIDA PEDIA OLÉ. E O INTER IA CHEGANDO À ÁREA, DEVAGAR, TOCANDO A BOLA

1/12/74 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)

INTERNACIONAL 1 X 0 GRÊMIO

J: Agomar Martins; **R:** Cr$ 623 385;
G: Valdomiro 24 do 2º
INTERNACIONAL: Manga; Cláudio, Figueroa, Pontes e Vacaria; Falcão, Paulo César Carpegiani e Escurinho; Valdomiro, Sérgio Lima (Claudiomiro) e Lula.
T: Rubens Minelli
GRÊMIO: Picasso, Cláudio, Ancheta, Beto Fuscão e Jorge Tabajara; Carbone, Carlos Alberto e Luís Carlos; Iúra (Dionísio), Tarciso e Loivo. **T:** Sérgio Moacir

Valdomiro marca o gol do título e corre para comemorar: chora, Grêmio

CANSADO DE PERDER TÍTULOS, o Grêmio tentou melar o campeonato no tapetão, alegando que o Caxias usara contra ele um jogador, Luisinho, que disputara o primeiro turno pelo Ipiranga. Não adiantou

NO CAMPO 7 VEZES INTER

Será que os juízes vão anular o carnaval da torcida colorada?

>> POR DIVINO FONSECA

Enquanto no campo a torcida fazia a festa — acabando com as redes das balizas, como é norma —, o vestiário do Inter era uma confusão só, mas não tão grande a ponto de impedir que o diretor de futebol Frederico Balvé recordasse um velho sonho do clube: ganhar o Brasileiro. A felicidade era tão grande que ele considerava ultrapassadas todas as dificuldades financeiras e disciplinares do Inter. Tão grande que ele foi capaz até de um mea culpa.

— Todos os craques vão ficar. Inclusive o Escurinho, que disse que pretendia ir embora no fim do campeonato. Berrou contra alguns dirigentes, desabafou, mas vamos engolir o sapo. Pois se alguém é importante no Inter é o bom jogador.

E foi com bons, excelentes mesmo, jogadores que o Inter ganhou eu sétimo título consecutivo de campeão gaúcho — o Grêmio está no tapetão, naquela de melar o segundo turno, ganho pelo Inter.

E aí se coloca uma questão: será que os juízes vão anular o carnaval da torcida colorada? Bons jogadores como Manguinha, sem uma falha. Como Figueroa, carregado em triunfo pela torcida. Como Falcão, que esqueceu os bordados. Como Paulo César, equilíbrio no meio-campo. Como Escurinho — "perdoado" pelas verdades que disse. Como Lula, que assombrou a torcida. E, principalmente, como Flávio, que, comprado por apenas 160 mil cruzeiros; fez seis gols nos oito jogos de que participou, o principal deles exatamente na decisão de domingo, o gol único que deu o título ao Inter.

Foi um jogo de matar colorado do coração. O primeiro tempo mostrou as duas defesas muito seguras e Agomar Martins decidido impedir a violência — apitou 35 faltas.

Foi a gana de vencer contra tudo e todos, o tal recurso do Grêmio — que levou o Inter para a frente no segundo tempo. O Grêmio passou a contra-atacar e quase marcou, quando Vílson acertou a trave.

Mais que nunca parecia valer a tese do técnico Ênio Andrade: o time que marcasse primeiro ganharia. Mal começou a prorrogação de meia hora, Flávio acertou no cantinho e obrigou Picasso a excepcional defesa.

Aos 14 minutos, Valdomiro cruzou forte, a bola bateu no pé de Ancheta, no peito de Picasso e sobrou para Flávio: gol. Depois, foram 16 minutos de sofrimento para gremistas e colorados — estes, mais felizes, fizeram a festa no fim.

"O VESTIÁRIO ERA UMA CONFUSÃO SÓ, MAS NÃO TÃO GRANDE A PONTO DE IMPEDIR O DIRETOR DE FUTEBOL FREDERICO BALVÉ DE RECORDAR UM VELHO SONHO: GANHAR O BRASILEIRO"

10/8/75 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)
INTERNACIONAL 1 X 0 GRÊMIO
J: Agomar Martins; **R:** Cr$ 702 500;
G: Flávio 14 do 1º tempo da prorrogação;
CA: Nenê, Flávio e Paulo César
INTERNACIONAL: Manga, Cláudio (Pontes), Figueroa, Hermínio (Batista) e Vacaria; Falcão, Paulo César Carpegiani e Escurinho; Valdomiro, Flávio e Lula. **T:** Rubens Minelli
GRÊMIO: Picasso, Vílson, Ancheta, Beto Fuscão e Jorge Tabajara; Bolívar (Luís Freitas), Cacau e Neca; Zequinha, Tarciso e Nenê.
T: Ênio Andrade

Termina o jogo, começa a correria para fugir do assédio da torcida

Jerônimo, do Caxias, e Valdomiro, um dos melhores da competição

O PRIMEIRO TÍTULO NACIONAL de um time gaúcho veio num tempo em que o Brasileiro era decidido em uma única partida, no campo do time com melhor campanha. Figueroa fez o gol histórico, para festa da "coréia" — como é conhecida a geral do Beira Rio

INTERNACIONAL, REI COROADO DO BRASIL

Pela primeira vez, a emoção superou um Grenal. O grito de guerra — Colorado! — foi mais forte do que nunca. Os aplausos também. A Figueroa, em dia de graça. Ao velho Manga, num dia de milagres

>> POR DIVINO FONSECA

O banho da vitória dos torcedores que ficam na coréia não teve cerveja ou cachaça, como talvez a comemoração exigisse. Os "coreanos", aqueles torcedores que vêem o jogo de pé, com o gramado ao nível dos olhos, e que esperavam desde as 11h, quando os portões foram abertos (ou seria 1969, quando o Beira Rio foi inaugurado?), atiram-se na água suja do fosso para festejar o título brasileiro.

Coréia, gerais, arquibancadas e cadeiras, aos gritos de "Colorado!", mais de 80 mil pessoas suadas juntaram-se aos que esperavam fora do estádio e caminharam lentamente, desafogados, pelos 3 quilômetros da avenida Borges de Medeiros, que separa o Beira Rio do centro de Porto Alegre. Ali explodiu o maior carnaval que a cidade já viu, pela conquista de um título — o único que faltava ao Inter. Palavras já impressas nas bandeiras e fitas vermelhas muito antes do grande dia.

O carnaval, na verdade, explodiu simultaneamente em todo o Estado. Na festa dos colorados de Livramento, na fronteira, os colorados da uruguaia Rivera — que nela os existem — passaram a fronteira e se uniram a algazarra.

O jogo foi uma loucura, ao qual não faltaram lances de heroísmo. Manga, durante a semana, preocupava os médicos por causa de um estiramento na coxa esquerda — sentiu aos 20 minutos. Mas continuou firme. Fez pelo menos duas defesas incríveis— sob os gritos delirantes da massa, que não cansava de berrar seu nome. O jogo teve outros heróis, embora não tanto quanto Manga.

Esses homens apareceram com sua garra e tudo que sabem de futebol apenas no segundo tempo, pois no primeiro — como não poderia deixar de acontecer numa final — os dois times se apresentaram presos, numa nervosa guerra tática.

E todos os beques extremavam seu zelo quando a primeira barreira era ultrapassada. Aos 7, Morais meteu a sola no pescoço de Lula. Aos 13, Figueroa aplicou o primeiro de três cotovelaços no rosto de Palhinha no rosto de Palhinha — o centroavante mineiro chegou mesmo a sangrar.

Emocionado dentro das medidas, Minelli diria no fim — numa respeitosa homenagem ao talento de Zezé Moreira — que toda aquela cautela era devida ao receio de cair nas armadilhas do velho. Num jogo assim, o dono da casa geralmente leva vantagem: a torcida se inflama e começa a apoiar. O Beira Rio explodiu.

Foi nesse ambiente que, aos 11 do segundo tempo, Valdomiro sofreu falta de Piazza ao lado da área. Figueroa subiu, pediu o cruzamento e correu para a área. Entrou no meio dos beques e acertou de cabeça na bola, que entrou a direita de Raul, apenas capaz de olhar.

Quando Dulcídio Wanderley Boschillia pegou a bola e, depois de efusivamente abraçado por Figueroa, correu para o vestiário, a agoniada massa dos colorados soltou o urro que conteve por 90 minutos (ou seriam seis anos?) na garganta: campeão do Brasil.

— E, agora, rumo à América — proclamava Figueroa no vestiário, erguendo uma miniatura do troféu ganho pelo Inter, ajudado pelo entusiasmado garoto Falcão.

Quer dizer: ano que vem o Brasil terá dois grandes representantes na Libertadores da América. Como provaram em campo.

"O JOGO FOI UMA LOUCURA, AO QUAL NÃO FALTARAM LANCES DE HEROÍSMO. NUM JOGO ASSIM, O DONO DA CASA GERALMENTE LEVA VANTAGEM"

14/12/75 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)
INTERNACIONAL 1 X 0 CRUZEIRO
J: Dulcídio Wanderley Boschillia (SP); **R:** Cr$ 1 743 805; **P:** 82 568; **G:** Figueroa 11 do 2º; **CA:** Morais e Palhinha
INTERNACIONAL: Manga, Valdir, Figueroa, Hermínio e Chico Fraga; Caçapava e Falcão; Valdomiro (Jair), Paulo César, Flávio e Lula. **T:** Rubens Minelli
CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Morais, Darci e Isidoro; Wilson Piazza e Zé Carlos; Roberto Batata (Eli Mendes), Eduardo (Souza), Palhinha e Joãozinho. **T:** Zezé Moreira

Figueroa, camisa 3, sobe mais que todos: era a senha para o carnaval

O ABSURDO GAUCHÃO daquele ano tinha 20 times, alguns de qualidade que nem se poderia chamar de duvidosa: sabidamente fracos. O resultado foi a maior goleada da história colorada

INTER DÁ DE 14 NO FERRO

O time aplicou a maior goleada de sua história: 14 x 0 no Ferro Carril, de Uruguaiana. Aconteceu domingo, diante de uma torcida mais estupefata que entusiasmada

>> POR DIVINO FONSECA

Após o jogo, os estatísticos consultaram seus alfarrábios e não encontraram coisa igual. O Internacional acabara de aplicar a maior goleada de sua história: 14 x 0 no Ferro Carril, de Uruguaiana. Aconteceu domingo, diante de uma torcida mais estupefata que entusiasmada.

Mal a saída era dada e a bola já estava rondando a balisa de Orlando. Foram 37 chutes, incontáveis confusões na área e algumas boas defesas do goleiro, que, se falhou em três ou quatro gols, impediu outros tantos, voando de um lado para o outro com seus 120 quilos e uma escandalosa barriga.

A goleada põe em dúvida os critérios de classificação dos times do interior — a cada ano mais generosos. O Ferro Carril, por exemplo, não encara o campeonato com um mínimo de seriedade, a começar pelo próprio presidente, Edgar Fagundes, que assumiu o cargo de treinador sob a alegação de que "a gente perde de qualquer maneira".

Há jogadores como o centroavante Alvim, que mora a 300 quilômetros de Uruguaiana, treina em sua própria cidade (Livramento) e só aparece na hora do jogo.

O Inter não teve dó, como diz o técnico Minelli: "Sem querer desmoralizar o adversário, nossa intenção era provar que o time não está em decadência, como andam falando."

Como este resultado, o Inter passou a ocupar a liderança isolada do campeonato por pontos ganhos, já que o Grêmio vai folgar enquanto Neca e Faustão estiverem com a Seleção Brasileira. O terceiro lugar está com o Caxias.

"SE O GOLEIRO FALHOU EM TRÊS OU QUATRO GOLS, IMPEDIU OUTROS TANTOS, VOANDO DE UM LADO PARA O OUTRO COM SEUS 120 QUILOS DE PESO E UMA ESCANDALOSA BARRIGA"

23/5/76 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)
INTERNACIONAL 14 X 0 FERRO CARRIL
J: Nazarino Pinzón; **R:** Cr$ 102 130;
G: Caçapava 1 e 6, Genau 11, Paulo César Carpegiani 12 e Flávio 42 do 1º; Valdomiro 3, Ramón 4, 24 e 38, Cláudio 5, Figueroa 10, Valdomiro 23 e 45 e Escurinho 28 do 2º;
CA: Orlando
INTERNACIONAL: Manga, Cláudio, Figueroa (Hermínio), Marinho Peres e Vacaria; Caçapava, Escurinho e Paulo César Carpegiani; Valdomiro, Flávio (Ramón) e Genau.
T: Rubens Minelli
FERRO CARRIL: Orlando, Vílson, Almerindo, Alemão e Dirceu; Caçapava (Osvaldo), Amarante e Nilo; Ênio, Alvim e João Pedro.
T: Edgar Fagundes

Orlando: ele entrou para
a história com um único jogo

OITO ANOS DE ALEGRIA. O Grêmio a cada ano oferecia mais resistência, mas o último título da série histórica veio mesmo assim, com um time inesquecível onde reinavam Falcão, Dario e Lula

INTER, INTER, INTER, INTER, INTER, INTER, INTER, INTER

Um espetáculo que se repete há oito anos: o adversário tentando desfazer a vantagem; o Inter segurando o resultado em sua defesa, ora tocando a bola, ora dando chutões para os lados

>> POR DIVINO FONSECA

Aos 10 minutos do segundo tempo, Escurinho surgiu na boca do túnel. Foi como se o Internacional tivesse feito um gol. O Beira Rio levantou-se unido num só berro — de esperança. A torcida certamente lembrava o muito de jogos que aquele negro alto já tinha decidido com suas cabeçadas. E especialmente o de quatro dias atrás, no Olímpico, decisão do terceiro turno. Ele, com a camisa 14, a mesma com que aparecia agora no Beira Rio, enquanto o homem da federação levantava o número 8 do garoto Jair, tinha conseguido o empate e o título parcial no último minuto. Era um jogo morno, truncado, do qual o Internacional ainda não conseguira sair. E isso era inconcebível para um time que precisava vencer naquele jogo, evitar que a decisão fosse transferida para o Olímpico três dias depois.

E a massa, que até ali andava quieta, tão nervosa quanto o time, acendeu a fogueira. A equipe, que se sente mais corajosa quando seu cabeceador está junto, correspondeu e deu motivos para que a barulheira não terminasse mais.

Um minuto depois da entrada de Escurinho, no primeiro córner, já houve um pandemônio na área do Grêmio. Mais dois minutos, ainda sob fantástica gritaria, Falcão fez um carnaval de dribles e perdeu o gol. Quatro minutos mais tarde, e Lula encestou — com uma cabeça fria impressionante, de quem diz nunca ter perdido uma decisão: próximo à pequena área, aplicou uma meia-lua em Ancheta e tocou por cima de Cejas. Quando menos não seja por seu futebol, estava justificada a entrada do reserva Escurinho, um jogador que, ao longo do campeonato, nem sempre esteve bem com seu ambiente. Ele compreende a massa, que, embora nem sempre o compreenda, sabe o que ele pode dar.

Uma das principais figuras em campo, cujas qualidades sempre aparecem na hora do pega, Lula construiu quase todo o segundo gol, aos 20. Pegou a bola no meio de campo, correu com ela e veio entregá-la na área, com açúcar, para Dario marcar o "Gol da Regulação", atrasado oito jogos.

E estava pelada a coruja. Dali pra frente, um espetáculo que se repete há oito anos, sempre com a mesma animação: o adversário tentando desfazer a vantagem; o Inter segurando o resultado em sua defesa, ora tocando a bola, ora dando chutões para os lados, ora ainda acertando belos passes em contra-ataques, sempre saudado pela torcida. Agora, como das vezes anteriores, as faixas comemorativas anteciparam-se ao jogo. Bandeiras com as palavras "octa" ou frases do tipo "o macaco está certo" — esta alusiva à maneira como a torcida do Grêmio define a colorada "a maior macacada do mundo" — e "Jacaré (*Dario*) come tubarão (*Alexandre*)" ou ainda "Grêmio, octa-vice inédito", "Dario, el matador". Ao final, como sempre faz, a torcida seguiu em cortejo pela avenida Borges.

Até o surgimento de Escurinho no túnel, porém, essa mesma torcida temeu pela sorte do time. Como acontece antes das decisões, os jogadores deram-se as mãos e, em círculo, pularam no tapete de borracha do vestiário e gritaram: "É com nós, é com nós, ninguém nos agarra!" E partiram para cima da retranca do Grêmio, conquistando o mais difícil título de toda a série — mas merecido.

"LULA PEGOU A BOLA NO MEIO DE CAMPO E VEIO ENTREGÁ-LA COM AÇÚCAR PARA DARIO MARCAR O SEU 'GOL DA REGULAÇÃO'. E ESTAVA PELADA A CORUJA"

22/8/76 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)

INTERNACIONAL 2 X 0 GRÊMIO

J: Agomar Martins; **R:** Cr$ 1 335 850; **G:** Lula 14 e Dario 20 do 2º; **CA:** Marinho Peres, Caçapava, Escurinho, Falcão, Alexandre e Ortiz; **E:** Bolívar 41 do 2º

INTERNACIONAL: Manga, Cláudio, Figueroa, Marinho Peres e Vacaria; Caçapava, Falcão e Jair (Escurinho); Valdomiro, Dario (Batista) e Lula. **T:** Rubens Minelli

GRÊMIO: Cejas, Eurico, Ancheta, Beto Fuscão (Tadeu) e Bolívar; Jerônimo (Vítor Hugo), Alexandre e Iúra; Zequinha, Neca e Ortiz. **T:** Paulo Lumumba

Dario desloca Cejas:
era o segundo gol do Inter

MAIS UMA FINAL EM APENAS um jogo, mais uma vez no Beira Rio. O Corinthians chegou confiante: um mês antes, havia derrotado o Inter por 2 x 1 no Morumbi. Mas em Porto Alegre o time de Falcão não deixaria o bi escapar

INTER GANHA UMA GUERRA PARA FICAR NA HISTÓRIA

A ordem, no Internacional, era dar no Beira Rio o troco do calor do Morumbi: sair louco mordendo o Corinthians

» POR DIVINO FONSECA

O Corinthians não podia mesmo ter feito mais. Conheceu, numa decisão, um time que joga com a usual garra corintiana, mas que bota em cima disso uma invejável organização e uma técnica superior. A história aconteceu no Beira Rio, onde 75 mil torcedores abafaram, com seus gritos, buzinas e foguetes, o barulho de 15 mil fiéis.

O Internacional, que é tudo isso, não deixou o Corinthians fazer mais. Quando os jogadores do Inter saíram do vestiário e caminharam sobre o tapete vermelho do túnel, Figueroa repetiu o grito que dera no ano passado, quando o adversário era o Cruzeiro:

— Sorte!

Ao final do jogo, era dele que alguns jogadores do Corinthians se queixavam, relembrando aquelas duas bolas na trave e a incrível defesa de Manga no chute de Neca. Mas não foi ela o fator decisivo, e sim a soma de acertos do Inter. A intenção de Minelli era botar o time a morder desde o início, numa réplica a acontecimento recente: o sufoco aplicado pelo Corinthians no último confronto entre os dois, no Morumbi.

— Dez minutos de calor neles — gritou o técnico na entrada do campo.

Figueroa largou indo à frente. Cláudio desconhecia Romeu e Vacaria armava uma panelinha com Lula em cima de Zé Maria. E dá-lhe cruzamentos. Era um Inter de segundo tempo. E, acima de tudo, Falcão dava a entender que aquele povo não sairia de lá sem ver mais uma de suas sensacionais atuações.

Só um exemplo: aos 23 minutos, Falcão, em sua própria área, aplicou um chapéu em Vaguinho, enfiou a bola por entre as pernas de Neca e saiu trocando passes até a área do Corinthians, terminando por disputar a bola com Moisés, na frente de Tobias. Falcão era síntese do Inter.

Aos 29, o gol. Valdomiro bateu a falta, a bola bateu na barreira e subiu para Dario, de 1,84 m, e Moisés, de 1,78 m. Dadá cabeceou para o canto, embaixo. O gol, mais do que fazer justiça, influiu no comportamento dos dois times. O Inter partiu para o segundo gol, aproveitando o fantástico barulho da torcida. O Corinthians saiu da toca procurando o seu. Os minutos finais do primeiro tempo foram de um jogo digno de uma decisão.

Aos poucos, o Inter foi saindo. E chegou ao segundo gol mais cedo do que esperava. Aos 12, Valdomiro bateu a falta. A bola bateu no travessão e entrou cerca de 20 centímetros. Aí, formou-se o bolo. Inconformados, os jogadores cercaram o bandeira Luís Carlos Félix, que viu bem o gol e acenou para Wright. Duque chegou até a pedir a retirada do time, mas Zé Maria opôs-se:

— Até aí não, chefe.

Depois de cinco minutos de rebuliço, o jogo se reiniciou. Mas logo após seria interrompido por mais 20: atirando rojões, garrafas e latas para o campo, parte da torcida corintiana impedia a cobrança de um córner por Valdomiro. Era o extravasamento de perseguição que surgiu antes do jogo, quando Duque denunciou que o vestiário do Corinthians tinha sido dedetizado.

Dali para diante, nos 23 minutos restantes, só deu Corinthians. Manga fez milagre num chute de Neca. Ruço acertou a trave. Moisés e Neca cabeceavam com perigo. Mas 75 mil pessoas já faziam carnaval.

"QUANDO OS JOGADORES DO INTER SAÍRAM DO VESTIÁRIO FIGUEROA REPETIU O GRITO QUE DERA NO ANO PASSADO, QUANDO O ADVERSÁRIO ERA O CRUZEIRO: 'SORTE!'"

12/12/76 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)

INTERNACIONAL 2 X 0 CORINTHIANS

J: José Roberto Wright (RJ); **R:** Cr$ 3 200 795; **G:** Dario 29 do 1º e Valdomiro 12 do 2º; **CA:** Manga, Marinho, Falcão, Givanildo e Ruço

INTERNACIONAL: Manga, Cláudio, Figueroa, Marinho e Vacaria; Caçapava e Falcão; Valdomiro, Batista, Dario e Lula. **T:** Rubens Minelli

CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Wladimir; Givanildo e Ruço; Vaguinho, Neca, Geraldo e Romeu. **T:** Duque

Dario comemora, Batista passa por Ruço: o bi era inevitável

EM 1977, O GRÊMIO quebrou a hegemonia de oito anos do rival. Mas no ano seguinte o colorado daria o troco no Olímpico

NA GARRA, CONFIRMOU O TÍTULO

Valdomiro era um possesso: fez dois gols, foi herói. Batista barrou sua área, foi herói. Falcão, armando e organizando o time, foi herói. Assim, heroicamente, o Inter venceu o Grêmio dentro do Olímpico

» POR DIVINO FONSECA

Poderia ter sido quarta-feira, no Beira Rio, sua casa, quando a torcida tinha tudo preparado para a festa e o time, jogando bem, metia 2 x 0. Mas, como em muitos outros clássicos em que saiu na frente, o Inter, um pouco por inexperiência de alguns de seus jogadores, permitiu o empate ao Grêmio. Seguramente por isso, o título teve mais gosto para os colorados, gosto de coisa suada, sofrida, justa.

Foi no Olímpico, casa em que o Grêmio nunca perdera decisão desde sua inauguração, em 1954. Foi no lugar preparado para o bi, como diziam as bandeiras e faixas tricolores, bem antes do início do jogo. Os 15 mil colorados, que ocupavam já de manhã o pequeno local que lhes foi reservado, por certo confiavam na vitória. Mas a maioria, entre estes os que ficaram vendo pela TV, pressentia, lá no fundo, que o Grêmio estava com a faca e o queijo. O título, se perdido, viria como um castigo pelas chances desperdiçadas — os dois pontos extras, o Grenal de três dias antes.

O time largou na frente, como em todos os outros Grenais em que houve gols. Mas o Grêmio foi lá e empatou. Então, aos 41 minutos, o Velho Valdomiro — 33 anos em fevereiro — subiu e, com uma cabeçada certeira, fez a massa explodir. E dessa vez a explosão veio com a certeza de que não haveria mais santo que fizesse o Grêmio estragar a festa.

Gozado, o velho Valdo. Ele parece predestinado a decidir campeonatos. E, no entanto, não vinha sendo dos mais brilhantes no jogo. Porque o Inter, repetindo clássicos anteriores, botava Falcão, Batista, Caçapava e Jair no meio-campo, ganhava duelo ali, mas isolava o seu ponta. Mas também porque o velho não conseguia levar vantagem sobre Ladinho.

Iúra e André, os catimbeiros, gente de decisão mesmo, faziam falta ao Grêmio. Já o Inter, com sua zaga reserva, Beliato e João Carlos, não sentia falta de ninguém nem de nada. O jogo estava ao seu gosto. O primeiro gol, aos 5 do segundo, premiou: Tabajara fez o chuveiro da esquerda, o sol atrapalhou Ladinho, Valdomiro entrou por trás e não deixou cair. Uma bomba bem no canto direito, um golaço.

Foi a conta para despertar o Grêmio. O time foi para o abafa. Tarciso virou leão, Éder andava par toda parte. Aos 14, Tarciso escapou e Bagatini foi fazer um defesão fora da área. A torcida erguia seu urro e o time atendia. Garra não faltava, mas faltava coordenação.

Ia sem coordenação mesmo. Caçapava saiu machucado aos 23. Era menos um heróico bloqueio Colorado. E, aos 34, veio o empate. Éder bateu um escanteio pela direita, a bola encobriu Bagatini, tocou no poste e sobrou para Tarciso concluir.

Seria? Ia dar Grêmio de novo? Nesse momento, os jogadores do Inter decidiram que não. Batista, outro herói da decisão, saiu a morder como um cão em sua intermediária. Falcão botou a bola no chão e mandou o time para frente— em toques frios, certeiros. E a vitória, que tantas vezes o Internacional deixara escapar, veio finalmente. Depois de uma troca de passes e deslocamentos, Jair levanta para a área, em curva. Valdomiro salta juntamente com Corbo e Vicente e acerta em cheio.

"A MAIORIA, ENTRE ESTES OS QUE FICARAM VENDO PELA TV, PRESSENTIA, LÁ NO FUNDO, QUE O GRÊMIO ESTAVA COM A FACA E O QUEIJO NA MÃO"

17/12/78 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)

GRÊMIO 1 X 2 INTERNACIONAL

J: José Roberto Wright (RJ); **R:** Cr$ 1 841 880; **P:** 53 057; **G:** Valdomiro 5 e 41, Tarciso 34 do 2º; **CA:** Ladinho, Éder, Bagatini, João Carlos e Beliato

GRÊMIO: Corbo, Eurico, Wílson, Vicente e Ladinho; Vítor Hugo, Valderez e Tadeu; Tarciso, Francisco e Éder. **T:** Telê Santana

INTERNACIONAL: Bagatini, Hermes, Beliato, João Carlos e Jorge Tabajara; Batista, Caçapava e Falcão; Valdomiro, Jair e Adílson. **T:** Cláudio Duarte

O time, a taça de volta ao Inter e Falcão arrancando a grama

O INTER VOLTA A SER CAMPEÃO, e invicto! 16 vitórias e sete empates, 41 gols pró e 13 contra. Nas semifinais, os gaúchos tiraram o Palmeiras; na decisão, duas vitórias sobre o Vasco

2 X 1, FORA O BAILE

Um final merecidamente feliz. Até a decisão, só a nação colorada apostava no tri. E, com alma, vontade e o comando de Falcão, o Inter pôs a terceira estrela no seu escudo. Invicto!

>> POR EMANUEL MATTOS

No gramado, Falcão já está sem camisa, com a faixa de tricampeão no peito nu. Agora, ele procura ficar sério, o rosto se contrai na expectativa que dura alguns segundos. De repente, a Copa Brasil está nas suas mãos. A seu lado, os companheiros gritam, riem e choram. Em volta, 60 mil torcedores entoam um canto alegre. Tudo é emoção nesse Beira Rio, transformado mais uma vez em templo sagrado do futebol brasileiro.

Todo porque aqui, três vezes nos últimos cinco anos, o país assistiu à consagração do campeão. E aqui, mais um adversário teve que se render ao talento individual e coletivo do Inter. Foi assim em 75 e 76, quando Cruzeiro e Corinthians viram Figueroa erguer o caneco. É assim agora, no gesto repetido por Falcão, símbolo e maior por um título que no início parecia impossível. Título conquistado pela garra dos jogadores, que se determinaram a superar todos os preconceitos, quando ninguém acreditava neles. E o saldo final é fantástico: campeões brasileiros invictos. Só assim dá para entender a frase de Falcão na hora da festa:

— Antes de mais nada, este título é dos jogadores!

A verdade é que o Inter nunca foi favorito, mesmo quando venceu o Cruzeiro no Mineirão e o Palmeiras no Morumbi. Essas vitórias não credenciaram Falcão e seus companheiros para a primeira partida contra o Vasco na decisão. Foi preciso que o Inter desse um banho tático no adversário, em pleno Maracanã, para que seus méritos fossem afinal reconhecidos. Com dois gols de Chico Spina, até então de futebol incerto.

Uma derrota que o Vasco não esperava e que abalou os critérios do até então otimista Oto Glória. Ele havia imaginado uma vitória folgada no Rio, para tentar um empate no Beira Rio. Perdido de dois, Oto imaginou o esquema "kamikaze".

— Tanto faz ganhar de 1 x 0 ou perder de seis. Vou com quatro, até cinco no ataque.

Azar de Oto é que o Inter tinha contra-veneno para sua tática. Surpreso no início, Ênio mexeu no meio-campo e ajustou o time. Seguro atrás, mandou forçar o lado esquerdo, através das jogadas insinuantes de Mário Sérgio. Resultado: dois gols nascidos em lançamentos do ponteiro. E outra vitória graças ao talento individual e coletivo do grupo.

O próprio Ênio teve outra razão para vibrar. José Asmuz, candidato da oposição eleito presidente, garantia no vestiário que Ênio permanecerá no próximo ano. Agora ele terá o desafio maior: a Libertadores da América, título que o Inter tentou duas vezes. Para isso, contará com reforços, já garantidos por Asmuz. Reforços que deverão ter o aval de Falcão. Foi ele o responsável pela organização do time.

— Nós oferecemos este título para quem não acreditava no time — dizia Falcão.

Seus companheiros entendiam o recado. Jogadores malditos como Mário Sérgio, ou marginalizados como Cláudio Mineiro, chegaram pela primeira vez ao título brasileiro.

Por isso, as lágrimas correram no vestiário. E houve renovadas promessas de que essa união permanecerá no próximo ano, quando todos terão mais um motivo de orgulho ao vestirem a camisa do Inter: a terceira estrela acima do escudo. Uma estrela conquistada com suor e emoção.

"PELA TERCEIRA VEZ O PAÍS ASSISTIU A CONSAGRAÇÃO DO CAMPEÃO. MAIS UM ADVERSÁRIO TEVE QUE SE RENDER AO TALENTO INDIVIDUAL E COLETIVO DO INTER"

23/12/79 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)

INTERNACIONAL 2 X 1 VASCO

J: José Favilli Neto (SP); **R:** Cr$ 4 524 850; **P:** 54 659; **G:** Jair 41 do 1º; Falcão 13 e Wilsinho 39 do 2º

INTERNACIONAL: Benítez, João Carlos, Mauro (Beliato), Mauro Galvão e Cláudio Mineiro; Batista, Jair e Falcão; Valdomiro (Chico Spina), Bira e Mário Sérgio. **T:** Ênio Andrade

VASCO: Leão, Orlando, Gaúcho, Ivan e Paulo César; Zé Mário, Paulo Roberto (Xaxá) e Wilsinho; Catinha, Roberto e Paulinho (Zandonaide). **T:** Oto Glória

Falcão faz o dele e decreta: "Este título é dos jogadores"

O MAIOR ÍDOLO DA HISTÓRIA colorada não conseguiu se despedir como queria: com o título da Libertadores. Seu último jogo no Beira Rio foi um empate sem gols no primeiro jogo decisivo contra o Nacional, de Montevidéu

PEDAÇO ARRANCADO DO INTER

Colorados que sempre se deleitaram com o futebol estavam lá, xingando, ofendendo o craque que se ia. Mas, agora, eles torcem mais do que ninguém por seu ídolo

>> POR DIVINO FONSECA

Não interpretes mal, Falcão, as xingações que os colorados te dirigiram nesta quarta-feira da tua despedida. Lembras o adeus do Figueroa, numa noite de fevereiro de 1977? O chileno, até então o maior ídolo do Inter, recebeu uma vaia tão surpreendente quanto cruel. Depois da saída dele, tu te tornaste talvez o maior ídolo da história do clube — e nem por isso escapaste de tratamento semelhante. Broncas, ofensas.

Um velhinho, que nestes sete anos da tua carreira profissional certamente se deleitou com teu futebol, gritava:

— Tá preocupado com as canelinhas, é? Pipoqueiro!

Mais adiante, outro berrava a plenos pulmões:

— Falcão, vai logo pro Roma! Não dá mais pra te aturar aqui!

E assim por diante, em cada jogada que tu erravas. Não importava que estivesse cercado por um time mais que nunca nervoso e, no caso de alguns integrantes, desprovido de talento; que Espárrago não afrouxasse a marcação sobre ti por um momento sequer; e que aqueles fossem os momentos mais emotivos da tua vida.

Mas procura compreendê-los, Falcão. Aquilo não era ódio. Era o mais puro e genuíno ciúme. Isto é, a mais sincera demonstração de amor que poderias desejar para o teu adeus. Mas convenhamos: que ocasião mais imprópicia para duas partes que se amam se verem pela última vez! Era uma noite de decisão! A conquista da Taça Libertadores da América era a maior ambição tua e da torcida colorada. Mas era também o último jogo na casa em que viveste durante 16 anos. Como, então, evitar que as coisas se confundissem?

Depois, aquelas duas tristezas: a de empatar um jogo que precisava ser ganho e a infinitamente maior de saber que não vais mais pisar a grama do Beira-Rio. Recebeste a homenagem da tua torcida particular, a Falcão-Povão, formada por meninos: uma placa de prata em que agradecem pelos momentos de glória que tu deste a eles e as palavras de um deles: "A gente vai ficar muito triste por deixares a gente."

Aí eles acabaram com as tuas últimas resistências emocionais. Choraste, Falcão. Bem fez o José Asmuz (pelo menos isso) ao impedir que a homenagem dos guris fosse antes do jogo.

Quase duas horas depois, ainda havia gente caminhando pelo vestiário, e podes estar certo de que procuravam aproveitar ao máximo os últimos momentos perto de ti. E recordas, por certo, o que disseste para o Bigode, enquanto ele massageava tuas pernas:

— Veja só, todo mundo cochichando pelos cantos. Está parecendo velório.

Um gaiato observou:

— E tu percebeste que és o defunto? — deixando de rir da própria piada ao olhar para a expressão dos que o cercavam.

Foi uma noite dolorida, não, Falcão? Enquanto caminhavas vagarosamente em direção à saída, olhando para as cadeiras e os armários, disseste que nunca imaginaste que seria tão duro enfrentar esses momentos. Na verdade, a única coisa alegre naquela noite foram as palavras que deixaste antes de sumir em direção ao teu carro estacionado na escuridão do pátio do Beira-Rio.

— Eu sei que esse título vale muito para o meu povão. Entrei no Inter como campeão e quero sair como campeão.

Vai lá, guri, e podes crer, mas com toda a convicção, que quem mais vai estar torcendo por ti são aqueles torcedores que te xingaram na noite do teu adeus.

"PROCURA COMPREENDÊ-LOS, FALCÃO. AQUILO NÃO ERA ÓDIO. ERA PURO CIÚME. ISTO É, A MAIS SINCERA DEMONSTRAÇÃO DE AMOR QUE PODERIAS DESEJAR PARA O TEU ADEUS"

8/11/80 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)
INTERNACIONAL 0 X 0 NACIONAL-URU
J: Jorge Romero (Argentina);
R: Cr$ 11 750 140; **P:** 55 623
INTERNACIONAL: Gasperin, Toninho, Mauro Pastor, Mauro Galvão e André Luís; Batista, Tonho e Falcão; Jair, Chico Spina (Adavílson) e Mário Sérgio. **T:** Ênio Andrade
NACIONAL: Rodolfo Rodríguez, Moreira, Blanco, De León e González; De La Peña, Espárrago e Luzardo; Bica, Victorino e Pérez. **T:** Juan Mujica

Falcão na despedida do Beira Rio:
não deu para levar a Libertadores

DEPOIS DE TROPEÇAR com um empate em Novo Hamburgo, o Inter chegou à última rodada do octogonal final precisando de um empate para conquistar o título. Só que o jogo seria no Olímpico

UM TÍTULO DE MIL HERÓIS

Silvinho fez o gol, Cléo jogou sem condições, a torcida apanhou. Lições de bravura

>> POR EMANUEL MATTOS

Cléo parecia ter enlouquecido. Mal Carlos Martins apitou o fim do Gre-Nal, ele desandou a correr de um lado para o outro, rindo e chorando. O empate (1 x 1) garantia o título de campeão ao Inter, um time desacreditado pelo mau retrospecto nos últimos jogos — embora superando todos os defeitos exatamente contra o Grêmio, no Olímpico.

Por isso, era compreensível o entusiasmo de Cléo. Não havia abraço que o segurasse. Ele era pura emoção. Lutou de todas as formas para evitar que aquela camisa 10 toda molhada fosse levada pela torcida, mas acabou cedendo. Nada mais justo, pois aquela camisa só podia terminar nas mãos de um daqueles delirantes torcedores que pareciam rugir à sua frente, pulando o fosso, invadindo o campo para abraçar um a um os jogadores desse time que teve atos de coragem, desprendimento e bravura.

A começar pelo próprio Cléo. Na véspera da decisão, curtia uma febre de 39 graus e forte diarréia, além de dores de estômago e infecção intestinal. Cléo explodiu, nos vestiários:

— Eu não tinha as mínimas condições de jogar. Aí, lembrei do que aconteceu com o Falcão na semifinal da Taça de Ouro de 1980, quando ele foi afastado do time na hora de entrar em campo e perdemos para o Atlético . Então, decidi jogar de qualquer maneira.

Notável: Cléo recebeu soro a partir de sexta e jogou com 6 kg abaixo de seu peso. Mesmo assim, foi o grande destaque do time. Inacreditável: após 90 extenuantes minutos, ele encontrou forças para erguer a belíssima taça de campeão, além de comandar a volta olímpica, seguido pelos companheiros.

Heróico Cléo. Ao sair de campo, escapou de levar uma pedrada, lançada por um desesperado gremista. O projétil passou de raspão por sua testa, atingiu em cheio a têmpora do funcionário Lisomar, do Inter, que desmaiou.

Enfim, a frustração gremista era compreensível, apesar desse ato de selvageria. Seus torcedores ocuparam três quartas partes do Olímpico, espremenso os colorados num cantinho. Estavam certos de que o time massacraria o Inter, até por goleada.

O que se viu, no entanto, foi um colorado destemido, capaz de reter a bola quando lhe interessava, e soltar-se em campo para tentar jogadas de ataque. A tal ponto que virou o primeiro tempo com 1 x 0 de vantagem, levando o técnico Ênio Andrade ao desespero.

O empate só veio aos 34 do tempo final, através de Baltazar, que estava na reserva e entrou com uma disposição incomum. O gol de Baltazar valorizou, no fim das contas, o toque maravilhoso de Silvinho no primeiro tempo. O Mancha Negra — seu apelido pela semelhança que tem com o personagem das histórias em quadrinhos de Mickey — recebeu um passe de 40 metros de Sílvio. Pela meia esquerda, venceu o lateral Paulo Roberto na corrida e chutou a meia altura no ângulo esquerdo de Leão.

— Na hora, fiquei sem reação, todo parado, arrepiado, nem sabia para onde correr. Jamais imaginava que teria a sorte de fazer o gol do título.

Sobrou heroísmo no Inter, sobrou heroísmo na torcida colorada. Ela arriscou tudo para ver séu time ganhar o título no terreiro inimigo. Apanhou. Teve bandeiras arrancadas, roubadas. Ficou espremida num canto do estádio. Mas, no final, fez a festa, coloriu Porto Alegre de vermelho e recepcionou seus heróis no Beira Rio. Ao ritmo candente da marchinha que sempre marcou as grandes conquistas: "Papai é o maior/ Papai é que é o tal/ Que coisa louca/ Que coisa rara/ Papai não respeita a cara."

"NOTÁVEL: CLÉO RECEBEU SORO A PARTIR DE SEXTA E JOGOU COM 6 KG ABAIXO DE SEU PESO. MESMO ASSIM, FOI O GRANDE DESTAQUE DO TIME"

29/11/81 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)

GRÊMIO 1 X 1 INTERNACIONAL

J: Carlos Sérgio Rosa Martins;
R: Cr$ 15 028 900; **P:** 64 767; **G:** Silvinho 43 do 1º; Baltazar 35 do 2º; **CA:** China, Mauro Pastor, Rodrigues Neto, De León
GRÊMIO: Leão, Paulo Roberto, Vantuir, De León e Paulo César; China, Paulo Isidoro e Tonho; Tarciso, Geraldo e Odair (Baltazar). **T:** Ênio Andrade
INTERNACIONAL: Benítez, Paulinho, Mauro Pastor, André Luís e Rodrigues Neto; Mauro Galvão, Ademir e Cléo; Sílvio (Jésum), Bira e Silvinho. **T:** Cláudio Duarte

Mário Sérgio contra Paulo Roberto:
a classe contra a vitalidade

DOIS GOLS DO DESENGONÇADO e, para muitos, ultrapassado centroavante Geraldão deram ao Inter o título em pleno Olímpico

COLORADO, COLORADO!

No meio do delírio da massa vestida de vermelho, até alguns gremistas, rendidos ao seu futebol, batiam palmas: Geraldão cumprira a promessa de decidir o título

>> POR DIVINO FONSECA

Que Geraldão tivesse sido celebrado pela torcida do Internacional, tudo bem. Afinal, ele era o super-herói do bicampeonato, o autor dos gols dos 2 x 0 que liquidaram o Grêmio em seu próprio estádio, assim como já marcara os dos 3 x 1 do primeiro turno das finais. Mas Geraldão ganhou aplausos, também, da torcida do Grêmio — e nunca se tinha visto coisa parecida na saga do Grenal.

Sofridos, dilacerados aplausos, explodidos por uns mil gremistas que ficaram para ver a festa daqueles jogadores de vermelho, que pareciam macacos, de tanto pulo que davam diante de sua torcida, na ala norte do estádio. Naquelas palmas, devia haver uma ponta de protesto contra a diretoria que soltou esse goleador, depois de ele ter pertencido por empréstimo ao próprio Grêmio. Mas foi comovente. O tosco, limitado — mas fatal — Geraldão assumia naquele momento a di-mensão de um semideus, um homem do tamanho do Olímpico.

E que grande maroto, esse vivido centroavante de 33 anos. Na véspera, os jornais de Porto Alegre estampavam uma promessa sua: o Inter venceria por 2 x 1 e ele marcaria os dois gols. Só errou uma coisa: a defesa esteve impecável e permitiu tão-somente uma chance de gol, desperdiçada por Edmar. No Gre-Nal do primeiro turno, Geraldão prometera um e fez três. Dessa vez, já conhecendo o caminho — e chateado por estar havia três jogos em jejum —, garantiu logo dois. E cumpriu. "Eu tinha 18 gols. Vinte é um número bonito, redondo, para a marca de um artilheiro do campeonato. Por isso prometi", dizia, já no Beira Rio, para onde se transferira o carnaval da torcida. "O craque do campeonato", gritava em delírio a multidão vermelha.

E por que não? Afinal, títulos gaúchos se decidem em Gre-Nais. E ele marcou todos os gols de sua equipe nos clássicos decisivos — algo muito mais expressivo do que a classe de Mauro Galvão e Rubén Paz, e a do gremista De León.

À parte a incrível eficiência de seu centroavante, porém, o que se viu no domingo foi o Inter destruir, tijolo por tijolo, a tese construída pelos porta-vozes adversários segundo a qual a equipe do Grêmio era superior na fulgurância de nomes. É possível. Mas, como se diz desde o nascimento do futebol, nome não ganha jogo. Compacto, consciente na troca de passes e — o que surpreendeu — absolutamente frio, o Inter desconheceu a vantagem que o empate lhe dava e sempre atacou mais. Infenso às emoções da decisão, como que esquecido que sua vantagem de três pontos baixara perigosamente para um, desfilou bonito como se estivesse enfrentando o Juventude. Marcou dois gols e perdeu outros quatro.

Maluca a cada aparição de seu goleador na janela da concentração, a torcida colorada gritou seu nome até a quase total rouquidão. O restinho de voz, ela foi gastar no Parque Marinha do Brasil, ao lado do Beira Rio, onde um trio elétrico animou a festa até altas horas da noite.

Enquanto Guedes observava a euforia da massa, perguntavam-lhe se sua equipe não estará repetindo aquela dos primeiros títulos da era Beira-Rio, em 69/70, e que se tornaria o Super-Inter de 75/76. "É possível", respondia, argumentando que, tirando Benítez, Mauro Pastor e Geraldão, a média de idade baixa para 22 anos. E, gritando, acrescentava: "O que eu sei é que ela será superior a qualquer time que o Grêmio vier a formar."

"ENQUANTO ERNESTO GUEDES OBSERVAVA, PERGUNTAVAM-LHE SE SUA EQUIPE NÃO ESTARÁ REPETINDO AQUELA DOS PRIMEIROS TÍTULOS DA ERA BEIRA-RIO, EM 69/70"

28/11/82 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 0 X 2 INTERNACIONAL
J: Carlos Sérgio Rosa Martins; **R:** Cr$ 29 442 900; **P:** 46 939; **G:** Geraldão 26 do 1º e 32 do 2º; **CA:** Bonamigo, De León, Batista, Tonho, Sílvio e Silvinho; **E:** Renato 28 do 1º
GRÊMIO: Leão, Paulo Roberto, Vantuir, De León e Casemiro; Batista, Paulo Isidoro e Bonamigo (Leandro); Renato Gaúcho, Edmar e Tonho (Tarciso). **T:** Carlos Castilho
INTERNACIONAL: Benítez, Edevaldo, Mauro Pastor, Mauro Galvão e André Luís; Ademir, Cleo e Rubén Paz (Silva); Sílvio (Paulo César), Geraldão e Silvinho. **T:** Ernesto Guedes

André Luís, segurança na defesa colorada

PREPARANDO-SE PARA DISPUTAR o Mundial Interclubes, o Grêmio jogou boa parte do campeonato com reservas. Azar deles, porque no Rio Grande quem mantinha a hegemonia era o Inter

INTER TRI

Há três anos, com um time sempre considerado inferior ao do Grêmio, o Inter vem se revelando imbatível nesta peculiar competição chamada Campeonato Gaúcho

Na superfície do coração, os colorados não gostam de seu time limitado, ainda que ele tenha conquistado antecipadamente o título de tricampeão gaúcho, quarta-feira passada, ao derrotar o São Borja por 2 x 0, no Beira-Rio. Não gostam porque se lembram do supertime dos anos 70, que ganhava exibindo fulgurante futebol, e porque o Grêmio é campeão da América e vai disputar o título mundial.

No fundo do coração, os colorados amam sua equipe apesar de ela ser limitada, e muitos dos quase 40 mil que estavam no estádio naquela noite gostariam de se expandir como o maluco Xuxu, 20 anos, que saiu correndo nu pelo campo, na primeira cena de *streaking* presenciada em Porto Alegre. Amam porque acabaram de reconhecendo nos guerreiros de vermelho a luta digna dos que lutavam por uma causa que outros — os colorados, inclusive — julgavam menor. Amam porque, se daqui a um ano o Inter for campeão com um time brilhante, será tetra e não apenas campeão. E, sobretudo porque há três anos, com um time sempre considerado inferior ao do Grêmio, o Inter vem se revelando imbatível nesta peculiar competição chamada Campeonato Gaúcho — onde os gramados são duros, irregulares e pequenos, e as defesas, mais desleais que viris. Um campeonato para quem tem sangue.

O escritor Sérgio Jockyman não gosta do time, embora colorado fanático. Não compareceu ao Beira-Rio em nenhuma partida do campeonato. "E foi o primeiro ano em que os meus amigos não me pediram emprestada a cadeira perpétua", acrescenta. De fato, antes do jogo de quarta-feira, a média de público registrava 5 825 torcedores. Baixíssima, mesmo considerando a crise.

Mas a noite é mais reveladora sobre sentimentos. E na de quarta para quinta pouca gente conseguiu dormir antes das 3 horas em Porto Alegre. Os colorados festejavam não apenas a reconciliação com seu próprio time, aquele que no fim das contas revelou a melhor defesa, o ataque mais positivo e obteve o maior número de vitórias. Levavam na cabeça, também, as estatísticas dos Grenais dos últimos três anos — apenas uma vitória tricolor em 11 jogos — e uma verdade bem recente: a larga diferença de pontos, mantida ao longo de todo o segundo turno do octogonal decisivo, foi conseguida quando o Grêmio ainda levava o campeonato a sério, isto é, disputava todas as partidas completo.

Por tudo isso, o técnico Dino Sani, 50 anos, que festeja seu 24º título (incluídos torneios), acha, no mínimo, discutível a expressão "tricampeão rural", inventada pelos gremistas para diminuir a importância do título. "Sem dúvida, o meu time tem muito mais garra que o deles e essa qualidade é essencial para conquistar campeonatos aqui", define. "Não fomos brilhantes, concordo. Mas, em meio ao campeonato, quando disputamos torneios na Espanha, em campos lisos e contra marcação leal, ganhamos jogando bonito. Ou seja, nosso time é realista."

"O Grêmio foi o bonito que não fez", acrescenta Mauro Galvão, que formou com o goleiro Benítez e o meio-campista Rubén Paz o trio de ouro da equipe, os centros de onde irradiava o necessário toque de qualidade para equilibrar tanta raça. Além destes três, Dino cita os pontas Sílvio e Silvinho como as figuras mais importantes das campanha — mas esses por outros motivos. Uma análise individual, na verdade, mostra que a principal qualidade dessa equipe às vezes desarmônica e onde alguns jo-gadores controlaram penosamente a bola, foi o espírito de luta.

"MUITOS DOS QUASE 40 MIL QUE ESTAVAM NO ESTÁDIO NAQUELA NOITE GOSTARIAM DE SE EXPANDIR COMO O MALUCO XUXU, 20 ANOS, QUE SAIU CORRENDO NU PELO CAMPO, NA PRIMEIRA CENA DE *STREAKING* EM PORTO ALEGRE"

27/11/83 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)

INTER 2 X 2 GRÊMIO

J: Carlos Sérgio Rosa Martins; **R:** Cr$ 4 294 800; **P:** 72 828; **G:** Gérson 35 e Mílton Cruz 38 do 1º; Raul 21 e 31 do 2º; **CA:** Leandro e Bonamigo

INTERNACIONAL: Gilmar, Bereta, Daio, Aluísio e Paulo Roberto; Ademir, Renê e Gérson; Paulo Santos (Sabará), Mílton Cruz e Marquinhos (Borracha). **T:** Dino Sani

GRÊMIO: Beto, Raul, Newmar, Leandro e Rogério; Bonamigo, Cássio e Luís Carlos; Lambari, Róbson e Tonho. **T:** Zeca

Mauro Galvão na penúltima rodada, contra o São Borja

A FESTA VEIO uma rodada antes do fim, apesar da derrota para o Brasil no Beira Rio; na mesma hora, o Grêmio entregava o ouro para o Novo Hamburgo, decidindo o estadual

DEUS É COLORADO

Nunca se viu: o Internacional é tetra por antecipação, mesmo perdendo para o Brasil

"Se perdemos e mesmo assim somos campeões por antecipação foi porque soubemos construir a vantagem. A regularidade nos valeu o título, por isso estamos felizes", mais raciocinava do que festejava o técnico Otacílio Gonçalves, do Internacional: pouco antes, seu time pregara uma peça nos mais de 40 mil torcedores que embelezaram o Beira Rio com suas bandeiras vermelhas e brancas, perdendo para o Brasil por 1 x 0.

Apesar disso, todos se sentiam na obrigação de comemorar o tetracampeonato: a 44 km dali, simultaneamente, o time do Grêmio havia-se desintegrado diante do Novo Hamburgo (0 x 3), deixando que o Inter, com a ajuda da Providência Divina, mantivesse a vantagem de três pontos que lhe permite até escalar uma equipe mista na última partida — o esvaziado Grenal desta quinta-feira.

Domingo, quem mora perto do Beira Rio e não assistiu ao jogo foi dormir imaginando que o Inter marcou três gols. Mas cada explosão da massa colorada significava apenas um gol do Novo Hamburgo sobre o arquiinimigo — pois, em campo, não aconteciam motivos para comemoração. Os nervos dominaram o jovem (média de 24 anos) time do Inter, e como sempre havia ali apenas dois craques — Mauro Galvão e Rubén Paz —, enquanto alguns jogadores, como Kita, Luís Fernando e sobretudo Sílvio, faziam péssima partida.

Aos 42 minutos do primeiro tempo, Bira fez o 1 x 0 para o Brasil. E, para piorar, já nos descontos dessa primeira etapa, Rubén Paz acabou expulso junto com o adversário Jorge Batata, que reagiu a um cotovelaço com um soco e, quando o uruguaio já estava caído, com um covarde pontapé. O Inter perdeu o jogo aí, junto com seu único articulador.

A desagradável situação de ter de comemorar um título com derrota — houve um carnaval artificial, promovido pelo jornal *Zero Hora*, que se dissipou cedo — obrigou o presidente do Grêmio, Alberto Galia, a filosofar: "Não foi o Inter que ganhou. Foi o Grêmio que perdeu este título."

De fato, se o Grêmio tivesse vencido o Novo Hamburgo, atearia fogo no campeonato que os colorados festejavam antecipadamente, com bandeiras nas quais se lia "Tetra". E iria para o GreNal em melhor estado psicológico. Mas, se o Inter deu vantagens que o Grêmio não soube aproveitar, também é verdade que o Grêmio deu maiores vantagens ao Inter — que soube aproveitá-las. Aliás, o fato de o tetracampeão ter liquidado seu rival nos três clássicos realizados — 2 x 0, 2 x 1 e 2 x 0 — acabou com qualquer discussão.

Na verdade, em raros campeonatos os dois clubes foram tão diferentes como neste. Num, os cartolas se dividiram; no outro, no mínimo não atrapalharam. Um trocou de técnico — Carlos Froner por Chiquinho; o outro manteve o seu, o eficiente e discreto Otacílio. Os tricolores acabam o ano sem saber qual é o seu time titular; os colorados decoraram o seu. E, finalmente, enquanto alguns jogadores do Grêmio brigavam por prêmios maiores, recusavam-se a treinar entre os reservas e até faziam corpo mole em campo, os do Inter, todos, primaram pela disciplina e mostraram uma garra incomum.

Como diziam alguns conselheiros no vestiário, a derrota no meio da festa teve, de certa forma, o seu lado bom: significou um alerta para a necessidade de reforços que não deixem o time no meio do caminho no Brasileiro. No Grêmio, o trabalho será muito maior. Não é por acaso que, até domingo, cinco conselheiros já haviam sido convidados a pegar a presidência — e todos recusaram. O que, para os colorados, é mais um motivo de festa.

"OS NERVOS DOMINARAM O JOVEM (MÉDIA DE 24 ANOS) TIME DO INTER. COMO SEMPRE, HAVIA ALI APENAS DOIS CRAQUES — MAURO GALVÃO E RUBÉN PAZ"

9/12/84 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)

INTERNACIONAL 0 X 1 BRASIL

J: Aírton Bernardoni; **R:** Cr$ 75 033 500; **P:** 40 588; **G:** Bira 42 do 1º; **CA:** Noslen e Hélio; **E:** Rubén Paz, Jorge Batata e Márcio
INTERNACIONAL: Gilmar, Luiz Carlos Winck, Aluísio, Mauro Galvão e André Luís; Ademir, Luís Fernando e Rubén Paz; Sílvio (Jussiê), Kita e Silvinho. **T:** Otacílio Gonçalves
BRASIL: Noslen, Bastos, Hélio, Amauri e Jorge Batata; Dorace, Márcio e Roberlei; Canhontinho (Murilo), Bira e Zezinho. **T:** Lívio

A taça veio mesmo com a derrota para o Brasil, na penúltima rodada

FOI ASSIM QUE O PRIMEIRO CLÁSSICO gaúcho numa semifinal de Brasileiro ficou conhecido. Nunca os dois times haviam se enfrentado com tanta coisa em jogo. E no final deu Inter

DO TAMANHO DO BRASIL

Nunca uma final nacional ligou pontos tão distantes. De Porto Alegre a Salvador, mais de 3 000 km de paixão e fé vão unir o país do futebol numa emoção de arrepiar

A Copa União tem uma final do tamanho do Brasil. Com duas viradas de campeões, Bahia e Internacional se credenciaram a decidir um título que, pela primeira vez na história, se polarizou entre Sul e Nordeste.

O Inter despachou o maior rival de virada, mandando para o espaço um tabu de 12 Grenais sem vitórias. E mais: com apenas dez jogadores em campo. Pouca gente entendeu quando o técnico Abel substituiu o volante Leomir pelo centroavante uruguaio Diego Aguirre no intervalo do clássico. É verdade que a equipe precisava atacar, perdia por 1 x 0 e o lateral-esquerdo Casemiro havia sido expulso aos 38 minutos do primeiro tempo. A torcida do Grêmio estava assanhada. Acreditava numa goleada. A maioria colorada das 78 083 pessoas que se espremiam no Beira-Rio ficou apreensiva.

E Abel precisou de apenas 15 minutos do segundo tempo para provar que estava certo. Com a modificação e, principalmente, muito espírito de luta dos jogadores, o Inter chegou ao empate com sua principal arma: o centroavante Nílson, goleador disparado da Copa União agora com quinze gols. Logo ele, que esteve ameaçado de ficar de fora da decisão na véspera, ao sentir uma pancada no joelho direito. Para sorte dos cobrados, o artilheiro jogou e novamente mostrou seu oportunismo. Como os outros 13 que já havia marcado na competição, os dois gols que garantiram a vitória não nasceram de uma de suas jogadas pessoais. Boa colocação e finalizações competentes bastaram. Primeiro uma cabeçada certeira entre os zagueiros e, depois, aproveitando o cruzamento rasteiro com cara de chute a gol de Maurício.

"No primeiro, tive vontade de mandar todo o Grêmio sumir", confessava o carrasco Nílson. "Foi a maior vitória de minha vida", completava o treinador Abel. Já Maurício, que, depois de superar o Cruzeiro, admitiu que estava com o adversário atravessado na garganta, era todo felicidade: "Estou realizado e tinha certeza que Deus iria ajudar o melhor". Marcados pelos gremistas como pontos vulneráveis do Inter na série de insucessos em Grenais, dois jogadores não resistiram e caíram na gozação. "Este jogo vai para a história", exultou o lateral Luís Carlos. "Com apenas dez, a vitória ficou mais gostosa", arrematou o volante Norberto, um dos exemplos mais bem acabados da raça colorada nas semifinais, ao lado do zagueiro uruguaio Aguirregaray.

Outros, mais comedidos, como Taffarel, preferiam dizer que os tempos de derrotas não afetavam o time. "Criar tabus ou dizer que um jogador é maldito é coisa de torcedor", garantiu. "Hoje ganhamos porque merecemos. Mas, desde que voltou das férias, o Inter provou que é uma equipe aplicada. Joga de acordo com as necessidades.

"Quem ouvisse a preleção do intervalo teria certeza da vitória", revelou o presidente Paulo Zachia. A história desta virada pode ser mais bem contada, porém, pelas frases de efeito do próprio Abel. "Se for para ser uma vitória, terá de ser da coragem e não da prudência", inflamava-se. Coragem e heroismo tomaram o lugar do nervosismo do primeiro tempo. Naquela etapa, o jovem time do Inter — média de idade de 25,2 anos contra 28,5 do Grêmio — pecou algumas vezes por falta de tranqüilidade. Uma juventude que se mostrou decisiva na hora de se multiplicar em campo e vencer o inimigo também no preparo físico.

"'FOI A MAIOR VITÓRIA DE MINHA VIDA', DIZIA O TREINADOR ABEL. 'ESTE JOGO VAI PARA A HISTÓRIA', EXULTOU O LATERAL LUÍS CARLOS"

12/2/89 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)

INTERNACIONAL 2 X 1 GRÊMIO

J: Arnaldo César Coelho (RJ); **R:** NCz$58 944; **P:** 78 083; **G:** Marcus Vinicíus 25 do 1º Nilson 15 e 26 do 2º, **CA:** Trasante e Aírton; **E:** Casemiro 38 do 1º

INTERNACIONAL: Taffarel, Luís Carlos Winck, Aguirregaray, Nenê e Casemiro; Norberto, Leomir (Diego Aguirre) e Luís Carlos Martins; Maurício (Norton), Nílson e Edu. **T:** Abel Braga

GRÊMIO: Mazarópi, Alfinete, Trasante, Luís Eduardo e Aírton; Bonamigo, Cristóvão e Cuca; Jorginho (Reinaldo), Marcus Vinícius e Jorge Veras (Serginho). **T:** Rubens Minelli

O gol de Nílson (abaixo) no Grenal que valia mais que todos os outros

SETE DURÍSSIMOS anos de jejum terminavam enfim. A decisão foi tensa, marcada pelas insinuações gremistas de que os rivais jogariam dopados

NO CAMPO E NO TAPETÃO

Melhor time do campeonato, o Inter ganhou o título na bola e no tribunal

A felicidade colorada não decorre apenas da conquista do título de campeão gaúcho, que a torcida não comemorava desde 1984, mas também porque essa virada coincidiu com o ano mais desgraçado da vida do Grêmio. Em sua descida escada abaixo, o odiado rival foi humilhado em tudo o que disputou em 1991: caiu para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro, perdeu a Copa do Brasil para o Criciúma e foi eliminado da Supercopa pelo River Plate logo na primeira rodada. Coube ao Internacional lhe despedaçar o sonho restante, o de ser heptacampeão gaúcho — e a golpes de penico, como lembravam os enlouquecidos torcedores à saída do Beira Rio, no domingo 15 de dezembro.

Naquela tarde, com um simples 0 x 0, o Inter acabava de conquistar um título merecidíssimo após disputar quatro Grenais em duas semanas — três no campo e um no tapetão. Nos gramados, venceu o primeiro, no Olímpico (1 x 0, gol de Alex, o Touro Indomável), perdeu o segundo (0 x 2, no Beira Rio) e, no terceiro, apenas administrou a vantagem de cinco pontos sobre o rival, construída nas duas fases anteriores da competição., Quanto à chamada batalha dos urinóis, foi disputada por insistência do Grêmio, a três dias da decisão, no TJD.

Acontece que a Federação determinara a realização de exames antidoping no primeiro clássico — por pressão do tricolor, num mero lance de guerra psicológica — e o presidente colorado José Asmuz impediu que seus jogadores escolhidos, Célio e Simão, cedessem o xixi. De fato, o regulamento não exigia esse exame, mas até que a Justiça Desportiva desse ganho de causa ao Inter se passaram 11 dias de bate-boca, período em que o Grêmio cresceu. A tricolagem martelou os ouvidos colorados com gritos de campeão e, após a vitória no segundo confronto, fez até volta olímpica no Beira Rio, erguendo uma taça de glórias passadas tirada do armário.

"Eu olhava o time deles fazendo volta olímpica e pensava: 'Que palhaçada. Vão perder o título por causa disso'", relembra o goleiro Femández. É, Gato. Perderam.

Um dos heróis daquela tarde foi Alex, que entrou no segundo tempo e, dez minutos depois, provocou um rolo com Renato. Resultado: os dois expulsos. "Acho que quem saiu perdendo foram eles", divertia-se o humilde Alex (salário de 750 mil cruzeiros, um centésimo do do fulgurante astro do Botafogo emprestado ao Grêmio por três meses).

O zagueiro-central Célio, ex-Vasco, transformou-se na muralha que fez da defesa vermelha uma das menos vazadas do campeonato, com 19 gols em 26 jogos. Elástico, viril e com grande impulsão, ele ainda marcou gols decisivos em quatro partidas consecutivas das semifinais — duas contra o Brasil e duas contra o Juventude. A imprensa gaúcha elegeu-o o craque do campeonato, com justiça.

O meia Marquinhos, trazido do Atlético, deu o toque de classe que faltava ao meio-campo e apontou os caminhos trilhados pelo ataque mais eficiente certame, com 46 gols.

Por tudo isso, e por ter mantido a regularidade mesmo quando trocou de técnico — Abel Braga por Cláudio Duarte, ainda na fase preliminar — , o Inter mereceu o título. Como dizia o negrão que agitava sua bandeira na Rua da Praia, já tarde da noite: "Com xixi ou sem xixi, o campeão é esse aqui!"

"A TRICOLAGEM FEZ ATÉ VOLTA OLÍMPICA NO BEIRA RIO, ERGUENDO UMA TAÇA DE GLÓRIAS PASSADAS TIRADA DO ARMÁRIO. 'QUE PALHAÇADA. VÃO PERDER O TÍTULO POR CAUSA DISSO', PENSOU O GOLEIRO FEMÁNDEZ"

15/12/91 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)
INTERNACIONAL 0 X 0 GRÊMIO
J: Carlos Sérgio Rosa Martins;
R: Cr$ 152 176 800; **P:** 39 168; **E:** Renato, Alex, João Marcelo e Lira
INTERNACIONAL: Fernández; Luís Carlos Winck, Célio Silva, Norton e Daniel; Júlio, Marquinhos (Cuca), Simão e Luís Fernando; Lima (Alex) e Édson. **T:** Cláudio Duarte
GRÊMIO: Émerson; Chiquinho, João Marcelo, Vílson e Lira; Jandir (Marques), Pinho, Caio e Assis; Renato e Alcindo (Júnior).
T: Valdyr Espinosa

Vem bola na área colorada: Winck,
Simão e Fernández atentos

A ÚNICA CONQUISTA NACIONAL do Inter nos anos 90 foi sofrida. A vitória só veio nos minutos finais da decisão contra o Fluminense, graças a um pênalti bem batido por Célio Silva

A VOLTA DA MÁQUINA VERMELHA

Com uma campanha impecável, o colorado ganha a Copa do Brasil e revive os tempos de suas maiores vitórias

O choro de emoção já aos 42 minutos do segundo tempo. Caído, depois de sofrer o pênalti que resultaria no gol do título, o zagueiro Pinga permaneceu no solo por algum tempo. Depois ajoelhou-se aos prantos, agradecendo aos céus pelo momento que decidiu a quarta edição da Copa do Brasil, enquanto um coro de 30 mil vozes coloradas fazia estremecer o Beira Rio. Em seguida, já de pé, Pinga viu o companheiro de zaga Célio Silva converter em gol a penalidade e um mar de bandeiras vermelhas agitar-se pela arquibancada, comemorando o quarto título nacional do clube colorado. Nas finais contra o Fluminense, o Inter perdeu o primeiro jogo nas Laranjeiras, por 2 x 1, passando a necessitar de uma vitória por 1 x 0 em Porto Alegre para assegurar o troféu. Pressionou durante a partida inteira, chutando bolas na trave e obrigando o goleiro Jéfferson a se desdobrar para evitar um massacre. O gol decisivo, porém, somente aconteceu quase ao término do jogo.

Merecimento, no entanto, o Inter teve desde a primeira rodada, quando ganhou do Muniz Freire por 3 x 1 em pleno Espírito Santo. No jogo do Beira Rio, massacrou o rival por 5 x 0. A prova definitiva de que o colorado seria um páreo duro na Copa do Brasil veio longe dos olhos da torcida. Atuando no Pacaembu contra o Corinthians, o Internacional aplicou uma sonora goleada de 4 x 0 e abriu caminho para o embate com seu mais difícil adversário, pelas quartas-de-final: o arquiinimigo Grêmio.

E foi a única fase que o Inter passou sem vitórias. Empatou em 1 x 1 os dois jogos, só assegurando a classificação às semifinais porque o goleiro Fernández impediu três gols do Grêmio na decisão por pênaltis vencida pelo colorado por 3 x 0. O atacante Gérson teve também uma participação decisiva nessa etapa. Fez os dois gols do Inter com bola rolando e foi um dos que asseguraram a passagem para as semifinais.

Aí, quando todos esperavam uma pedreira, os gaúchos não tiveram problemas. Bateram o Palmeiras por 2 x 0 no Parque Antártica, com gols de Élson e Gérson, e novamente no Beira Rio por 2 x 1. A essa altura, mesmo antes da decisão, já estavam consagrados jogadores como o zagueiro Célio Silva, o eficiente lateral-esquerdo Daniel e o volante Ricardo, que substituiu o titular Márcio, contundido a partir da metade da competição. Foram heróis que comprovaram sua importância provocando tranqüilidade na torcida. Assim como foi imprescindível a dupla de atacantes Maurício e Gérson, responsável por 11 dos 20 gols do Inter em toda a competição.

Alem disso, a torcida viu surgir no Beira Rio uma jovem revelação, de 18 anos, que tirou o selecionável Silas do time e infernizou todas as defesas: Caíco. Na final contra o Fluminense, ele criou chances incríveis de gol, como no primeiro tempo, quando invadiu a área, esperou a saída de Jéfferson e tocou por baixo de seu corpo. A bola só não entrou porque o zagueiro tricolor Vica salvou em cima da linha fatal.

E houve ainda uma alegria extra para os colorados no domingo da decisão contra o Fluminense: ver a torcida do rival Grêmio, espremida ao lado dos tricolores cariocas, ter que enrolar suas bandeiras e abandonar o Beira Rio assistindo à festa do Inter. Perceberam definitivamente que terão sérias dificuldades para voltar a superar o inimigo nacionalmente, como acontecia nos anos 80.

"A TORCIDA VIU SURGIR NO BEIRA RIO UMA JOVEM REVELAÇÃO, DE 18 ANOS, QUE TIROU O SELECIONÁVEL SILAS DO TIME E INFERNIZOU TODAS AS DEFESAS: CAÍCO"

13/12/92 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)

INTERNACIONAL 1 X 0 FLUMINENSE

J: José Aparecido de Oliveira (SP); **R:** Cr$ 1 261 690 000; **P:** 32 722; **G:** Célio Silva (pênalti) 42 do 2º; **CA:** Sérgio Manoel, Souza, Ézio e Marquinhos; **E:** Zé Teodoro

INTERNACIONAL: Fernández, Célio Lino, Célio Silva, Pinga e Daniel; Ricardo, Élson (Luciano) e Marquinhos; Maurício, Gérson (Nando) e Caíco. **T:** Antônio Lopes

FLUMINENSE: Jéfferson, Zé Teodoro, Vica, Sandro (Carlinhos Itaberá), Souza e Lira; Pires, Bobô e Sérgio Manoel; Vagner e Ézio. **T:** Sérgio Cosme

Élson e Célio Silva, com a maior conquista colorada dos anos 90

UM GRANDE ANO para o Inter: uma semana após a conquista da Copa do Brasil, o time vencia o estadual em cima de um Grêmio em crise

COLORADO LAVA A ALMA

O bi gaúcho fechou um 1992 glorioso. Melhor: com o Grêmio, novamente, de freguês número um

Que torcedor do Internacional, por mais que o tempo passe, conseguirá apagar da memória o ano da redenção colorada de 1992? Foi nele que, depois de 13 anos, o time voltou a conquistar um torneio nacional — a Copa do Brasil. Foi também em 1992 que, à base da técnica e da aplicação de Maurício, Márcio e Caíco, o Inter consolidou a hegemonia no Rio Grande, retomada em 1991, com um virtuoso bicampeonato. Mas o que nenhum colorado vai esquecer tão cedo é que, tanto em uma como em outra conquista, aconteceu o que ele mais esperava do seu time: o Inter passou inapelavelmente por cima do Grêmio.

A diferença dos dois não foi mera obra do acaso. Ao contrário do desestruturado rival, O Inter, desde o início do Campeonato Gaúcho, mostrou que sabia aonde queria chegar. Tanto que sempre manteve o mesmo técnico, Antônio Lopes, ao contrário do atarantado tricolor, que passou pelas mãos de três treinadores (Ernesto Guedes, Cláudio Garcia e o ex-goleiro Mazarópi). Uma determinação inabalável, que não foi ameaçada nem pelas derrotas seguidas para o Grêmio Santanense e o Novo Hamburgo, ambas por 1 x 0, na primeira fase da competição, de resto encaradas como normais em uma disputa tão acirrada como é o Campeonato Gaúcho. "A torcida bem que vaiou um pouco", lembra Antônio Lopes. "Mas tínhamos ainda muito jogo pela frente."

Com os reforços do ponta Maurício, do volante Márcio e do meio-campo Silas, ficou mais fácil encarar a agenda cheia de compromissos, que incluía a Copa do Brasil. "Estamos invictos contra o Inter há cinco jogos", vangloriava-se o presidente gremista, Rafael Bandeira dos Santos, pouco antes de o tricolor ser eliminado pelo colorado naquele torneio, nos pênaltis, após dois empates (1 x 1 e 1 x 1). Era só uma prévia do que estava para acontecer nas finais do Gauchão.

Ousado, o Inter chegaria a arriscar sua classificação para a decisão estadual, escalando um time reserva já nas semifinais, contra o Esportivo de Bento Gonçalves, enquanto os titulares brigavam com Palmeiras e, depois, Fluminense pela Copa do Brasil. Deu tudo certo, no entanto: taça na estante, classificação para a final do Gauchão garantida com dois empates e uma vitória (1 x 1 contra Esportivo e Glória e 3 x 1 contra o Caxias): era hora, de novo, de o Grêmio sofrer.

Mesmo sem Márcio, lesionado em um dos Gre-Nais da Copa do Brasil, mas contando com a determinação de Célio Silva e do redivivo Pinga, garantindo a segurança do goleirão Gato Fernández lá atrás, e com o garoto Caíco endoidecendo os adversários na frente, não foi difícil castigar, mais uma vez, o velho rival. Na primeira partida decisiva, em pleno Olímpico, o show foi todo de Nando. Substituindo o artilheiro Gérson, ele comandou o primeiro passeio das finais: fez nada menos que dois dos 3 x 1 que mataram o arquiinimigo dentro da sua própria casa, deixando o adversário a duas impossíveis vitórias de distância da taça. Depois, bastou um 0 x 0 no Beira Rio para garantir o bi. O milagre tricolor não poderia mesmo acontecer: 1992 foi um ano vermelho demais para o colorado deixar escapar a chance de ser o maior também no Rio Grande do Sul.

"O INTER ARRISCOU SUA CLASSIFICAÇÃO PARA A DECISÃO ESTADUAL, ESCALANDO UM TIME RESERVA JÁ NAS SEMIFINAIS, CONTRA O ESPORTIVO, ENQUANTO OS TITULARES JOGAVAM PELA COPA DO BRASIL"

23/12/92 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)
INTERNACIONAL 0 X 0 GRÊMIO
J: Renato Marsiglia; **R:** Cr$ 799 930 000; **P:** 17 490; **CA:** Célio Lino, Célio Silva, Gérson, Vagner, Jandir e Paulão; **E:** Vílson
INTERNACIONAL: Fernández, Célio Lino, Célio Silva, Pinga e Daniel; Ricardo, Élson e Marquinhos; Maurício, Nando (Gérson) e Caíco (Silas). **T:** Antônio Lopes
GRÊMIO: Émerson, Paulão, Vágner, Vílson e Xará; Alaércio, Jandir (Daniel) e Juninho; Caio, Mabília e Carlos Miguel. **T:** Mazarópi

Marquinhos briga no meio-campo:
um ano maravilhoso

FOI UM CAMPEONATO ESDRÚXULO, que será lembrado por um evento histórico, o dia em que o Grêmio teve que fazer três partidas no mesmo dia para cumprir tabela. E pelo título tranqüilo do Inter

CONQUISTA PARA A HISTÓRIA

Em um campeonato longo, confuso e mal elaborado, o colorado se dá bem e fatura seu 32º título estadual

Quem, no futuro, se lembrará do Gauchão 94? Boa parte dos torcedores certamente terá preferido esquecer este que é considerado o pior estadual de todos os tempos no Rio Grande do Sul. Longo (durou nove meses), contestado (Grêmio e Inter tinham as vagas garantidas para a Copa do Brasil independentemente da colocação final da competição) e tão absurdo que, num mesmo dia, 11 de dezembro, o Grêmio foi obrigado a jogar três vezes: às 14h, enfrentou o Aimoré (0 x 0); às 16h, o Santa Cruz (4 x 3); e às 18h, o Brasil (1 x 0). Mas toda essa série de trapalhadas acabará na lata de lixo, já que o Internacional se tornou pela 32ª vez campeão. E isso, na verdade, é o que permanecerá na história.

Porém, verdade seja dita, o Inter só passou a valorizar o Gauchão depois de eliminado da Copa do Brasil e do Brasileirão. Mesmo assim, dos 44 jogos realizados, venceu 26, empatou 15 e perdeu apenas três. Marcou 66 gols e sofreu dezoito. Uma bela campanha para uma equipe que trocou de técnico três vezes. Começou com Antônio Lopes, continuou com Procópio Cardoso e terminou com Cláudio Duarte.

Na partida que definiu o título — duas antes da rodada final —, o colorado venceu o Veranópolis por 1 x 0 e realizou modesta festa para os 3 348 torcedores que estiveram no Beira Rio. E no último Grenal do campeonato, o Inter faturou o rival por 4 x 1. Nas comemorações, o zagueiro Alex era um dos mais exaltados: "Valeu o esforço." Verdade: o Inter fez história.

"ÀS 14H, O GRÊMIO ENFRENTOU O AIMORÉ (0 X 0); ÀS 16H, O SANTA CRUZ (4 X 3); E ÀS 18H, O BRASIL (1 X 0)"

13/12/94 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)
INTERNACIONAL 1 X 0 VERANÓPOLIS
J: Antônio Guerra; **P:** 3 348;
CA: Alex, Caíco, Dinei, Fábio e Caçapava;
G: Dinei 10 do 2º
INTERNACIONAL: Sérgio, Luís Carlos Winck, Jairo, Alex e Zinho (Zózimo); Luís Fernando, Souza, Celso Vieira (Luís Fernando Gomes) e Caíco; Leandro, Nando e Dinei.
T: Cláudio Duarte
VERANÓPOLIS: Gilmar, Júlio César, Sídnei, André (Luiz Antônio) e Fábio; Maurício, Riva e Caçapava; Carlinhos, Sandro e Lucianinho. **T:** Tite

Dinei, autor do gol do título, e o time com a taça: torneio confuso

O INTERNACIONAL GARANTIRIA NESSE ANO O TÍTULO DE CAMPEÃO gaúcho do século, com 33 títulos. O Grêmio tinha apenas 31 e terminaria o século com 32

FURACÃO VERMELHO

Quando todos imaginavam que o título iria embora outra vez, o Inter passou por cima do Grêmio e acabou com a seqüência de vitórias do rival

Eles estavam tripudiando. Ao mesmo tempo em que ia ganhando títulos pelo continente afora, o Grêmio reservava o Banguzinho, seu time misto, para disputar o Campeonato Gaúcho. E "eles" ainda acabavam com a taça. Na visão do torcedor colorado não poderia haver vexame maior. Só que, desta vez, foi diferente. O 33° título gaúcho do Internacional — contra 31 do Grêmio — começou a pintar na dramática semifinal contra o Veranópolis.

Como tinha perdido o primeiro jogo, o Inter precisava vencer a partida de volta no tempo normal e também na prorrogação. Fez 3 x 0 nos 90 minutos e depois sapecou outros dois gols no tempo extra. Ninguém segurava mais.

Na final, empatou o primeiro jogo no Olímpico. A decisão ficou para o BeiraRio, local ideal para espantar os demônios tricolores. Paulo Nunes chegou da Seleção a tempo de reforçar o rival, mas não teve jeito. O zagueirão Gamarra, o xerife de sempre, e o atacante Fabiano, autor do gol do título, fizeram o serviço. Fim das humilhações. Gamarra confirmou a condição de maior zagueiro do continente e fez sua despedida como o craque do Gauchão. Esbanjou categoria e ainda fez seis gols.

Os longuíssimos campeonatos estaduais seguem atrapalhando a vida dos clubes grandes e iludindo os peque-nos, que olham o torneio como a sua redenção financeira. Não costuma ser. Nos últimos anos, os estaduais são prejuízo certo para todos. Uma rápida passada pelos números basta para perceber que há algo errado com o calendário brasileiro. No Rio de Janeiro, a média foi de 5 176 pagantes. Já há pressão por estaduais mais curtos, com dois ou três meses de duração. Os clubes menores, que não têm outra competição para disputar, poderiam se enfrentar antes e encontrar os grandes num quadrangular, hexagonal ou octogonal decisivo. Jogos valendo muito, com todas as estrelas em campo e estádios lotados. Parece simples e lógico. Talvez simples demais para o esquizofrênico futebol brasileiro.

"GAMARRA CONFIRMOU A CONDIÇÃO DE MAIOR ZAGUEIRO DO CONTINENTE E FEZ SUA DESPEDIDA COMO O CRAQUE DO GAUCHÃO"

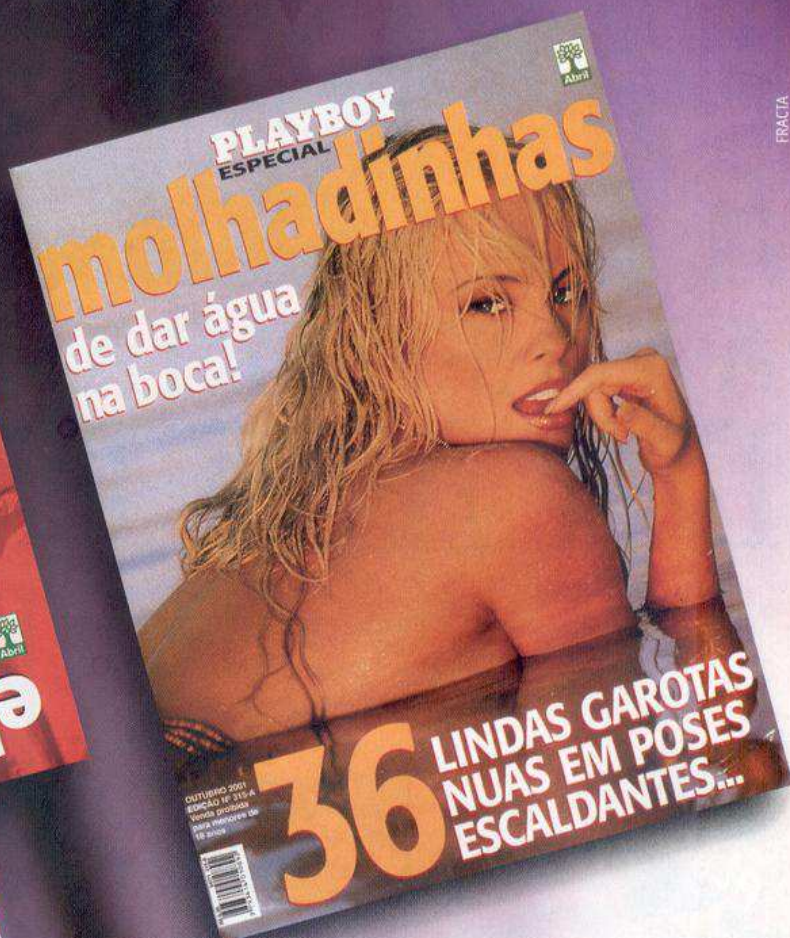
2/7/97 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)
INTERNACIONAL 1 X O GRÊMIO
J: Carlos Eugênio Simon; **R:** R$ 347 974; **P:** 36 450; **G:** Fabiano 4 do 2º
INTERNACIONAL: André, Enciso, Márcio Dias, Gamarra e Régis; Ânderson, Fernando, Sandoval (Celso Vieira) e Arílson; Fabiano (Luís Gustavo) e Christian (Paulinho Diniz). **T:** Celso Roth
GRÊMIO: Danrlei, Arce, Vágner Fernandes (Zé Afonso), Mauro Galvão e Róger; Otacílio, Luís Carlos Goiano, Émerson e Carlos Miguel; Paulo Nunes e Zé Alcino. **T:** Evaristo de Macedo

Gamarra, o capitão soberano: o melhor desde Figueroa

INTERNACIONAL TRICAMPEÃO BRASILEIRO 1975/76/79

EM PÉ: João Carlos, Benítez, Mauro Pastor, Falcão, Mauro Galvão e Cláudio Mineiro; AGACHADOS: Valdomiro, Jair, Bira, Batista e Mário Sérgio

J B SCALCO

Na dúvida, leve os três.
elas juntinhas
PLAYBOY ESPECIAL
32 MULHERES DELICIOSAS REALIZAM A SUA FANTASIA
PLAYBOY ESPECIAL
molhadinhas
de dar água na boca!
36 LINDAS GAROTAS NUAS EM POSES ESCALDANTES...
PLAYBOY SUPERPÔSTER
TROFÉU BUMBUM 2001
A CAMPEÃ Vanessa Schütz NO PÔSTER GIGANTE
e as finalistas GIZELLE e DANIELA, do Axé Blond, DANY BANANINHA e PAOLA FONTENELLE
Novos Especiais PLAYBOY
Gatas espetaculares de todas as maneiras, em situações e posições para todos os gostos.
Não passe vontade. Corra para a banca e garanta os seus.
PLAYBOY
As melhores coisas da vida.

COLEÇÃO PLACAR
GRANDES REPORTAGENS DE PLACAR
BOTAFOGO

COLEÇÃO PLACAR
GRANDES REPORTAGENS DE PLACAR
CORINTHIANS

A HISTÓRIA DA ARTE

Uma coletânea com as melhores matérias e fotos dos 13 maiores clubes brasileiros, publicadas em PLACAR desde os anos 70.

COLEÇÃO PLACAR
GRANDES REPORTAGENS DE PLACAR
FLUMINENSE

COLEÇÃO PLACAR
GRANDES REPORTAGENS DE PLACAR
GRÊMIO

COLEÇÃO PLACAR
GRANDES REPORTAGENS DE PLACAR
VASCO

COLEÇÃO PLACAR
GRANDES REPORTAGENS DE PLACAR
CRUZEIRO

COLEÇÃO PLACAR
GRANDES REPORTAGENS DE PLACAR
FLAMENGO

Peça já ao seu jornaleiro

ESPECIAL PLACAR